

CIBEC/INEP



B0008025

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS UNIVERSITÁRIOS

DESENVOLVIMENTO DO ENSINO
SUPERIOR DE ENFERMAGEM
NO BRASIL

:616-083

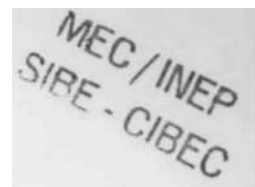
51d

2

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS UNIVERSITÁRIOS

**DESENVOLVIMENTO DO ENSINO
SUPERIOR DE ENFERMAGEM NO
BRASIL**

Presidente da República
ERNESTO GEISEL

Ministro de Estado da Educação e Cultura
EURO BRANDÃO

Diretor-Geral do Departamento de Assuntos Universitários
EDSON MACHADO DE SOUSA

Diretores-Adjuntos do Departamento de Assuntos Universitários
LAURO RIBAS ZIMMER e
RUY CARLOS DE CAMARGO VIEIRA

Coordenação do Grupo Setorial de Saúde:

- CÉLIO DA CUNHA

Coordenação de Enfermagem:

- LYGIAPAIM

Equipe de Análise Estatística:

- GAUSS MOUTINHO CORDEIRO - COPPE/UFRJ
- MARIO JORGE FERREIRA DE OLIVEIRA - COPPE/UFRJ

Equipe Assessora de Enfermagem D AU/MEC:

- LUIZA APARECIDA TEIXEIRA COSTA
- LYGIA PAIM
- MARIA DA GLÓRIA MIOTTO WRIGHT

Grupo Permanente do Trabalho:

- AMÁLIA CORRÊA DE CARVALHO - USP/COFEn
- MARIA DOLORES LINS DE ANDRADE - UFRJ
- MARIA NILDA DE ANDRADE - UFPe
- MARIA ROSA DE SOUZA PINHEIRO - USP
- MARIA HELENA NERI - UFRGS

Especialistas Consultados:

- IEDA BARREIRA E CASTRO - UFRJ/ABEn
- SOLANGE MARIA RAMOS - UFRJ
- TERESA DE JESUS SENA - UFRJ

APRESENTAÇÃO

Desde 1975, o Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura vem se preocupando de modo especial com o problema de crescimento e qualificação de recursos humanos de Enfermagem no País.

O ponto de partida foi a elaboração de um documento feito por especialistas de enfermagem, por solicitação oficial do Dr. LYNALDO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, àquela época Diretor Adjunto do DAU/MEC.

Este trabalho é a continuidade do referido documento, ora num plano mais amplo de apoio à formação de enfermeiros, e com ele pretende-se apresentar dados que sirvam de fontes a estudos críticos pertinentes a Enfermagem dentro do contexto global da situação de saúde da população brasileira.

O fato mais destacado no documento primeiro apresentado ao DAU/MEC foi a insuficiência quantitativa de enfermeiros, e um dos primeiros passos, atendeu a essa questão. Desse modo, foram criados cursos de graduação em enfermagem em todas as Instituições Federais de Ensino que ainda não os possuía. Essa tomada de posição, naturalmente, envolveu estudos prévios e assessoria de enfermagem para o controle qualitativo da criação de tais cursos.

Essa providência de criar cursos, não foi, nem poderia ser isolada. Ao lado dela, muitas atividades foram implantadas para o acompanhamento desses cursos em todos os aspectos que se pode referir como indicadores de qualidade.

Por estas razões, o presente documento é resultado de um levantamento da situação dos cursos de enfermagem no ano-base 1975 e contém alguns comentários sobre o crescimento desses cursos nos últimos anos.

Espera-se que este trabalho sirva de fonte de consulta para o setor formador de pessoal na área de saúde, e particularmente para o grupo de enfermagem.

Os agradecimentos do DAU/MEC são extensivos a todos os membros da equipe às instituições de ensino, e à Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), que ofereceram subsídio emprestando a colaboração para o esforço conjunto em busca de melhores condições de realização deste trabalho.

Edson Machado de Souza
Diretor Geral do Departamento de
Assuntos Universitários

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.	5
INTRODUÇÃO.	15
PARTE I:	
Levantamento do Ensino Superior de Enfermagem - Ano Base: 1975	17
Metodologia	17
Resultados e Comentários.	19
- Subordinação administrativo - financeira	19
- Cursos de Enfermagem segundo as regiões	23
- Fluxo de alunos nos Cursos de Graduação em Enfermagem e sua relação com o número de vagas.	33
- Corpo docente dos Cursos de Enfermagem	41
- Biblioteca como recurso didático de Curso de Enfermagem.....	49
- Recursos e técnicas de ensino nos Cursos de Enfermagem	55
- Laboratórios utilizados pelos Cursos de Enfermagem	59
- Campos de prática e Cursos de Enfermagem	63
PARTE II:	
Padrão de Curso de Enfermagem: esboço da situação em 1975.	71

ÍNDICE DE TABELAS

I	- Número e percentual de Instituições de Ensino Superior de Enfermagem administrativo-financeira	19
II	— Número e percentual de Instituição de Ensino Superior de Enfermagem com cursos diversificados.	20
III	- Tempo de funcionamento dos Cursos de Enfermagem no Brasil	21
IV	- Distribuição de Escolas de Enfermagem pelas regiões do Brasil	22
V	- Distribuição dos Cursos de Graduação em Enfermagem existentes em 1974 e cursos implantados de 1975 a 1977.	25 a 31
VI	— Cursos de Enfermagem: vagas, inscrições, matrículas, reprovações, desistências- 1966/1975.	33
VII	- Cursos de Enfermagem: vagas, matrículas, formandos, percentuais de incremento - 1966/1975.	34
VIII	— Departamentos envolvidos no Ensino de Enfermagem.	39
IX	- Distribuição dos Docentes de Enfermagem por titulação.	41
X	— Docentes por qualificação, número, percentual e média por Escola	42
XI	- Distribuição de docentes - enfermeiros por titulação.	42
XII	- Regime de trabalho dos docentes envolvidos nos Cursos de Enfermagem.	45
XIII	- Classificação das bibliotecas de Enfermagem.	49
XIV	- Tempo diário de funcionamento por tipo de biblioteca.	50
XV	- Consultas e empréstimos mensais por tipo de biblioteca.	52
XVI	- Percentual de consultas e empréstimos.	53
XVII	- Pessoa] de biblioteca.	53
XVIII	- Área por tipo de biblioteca.	53
XIX	- Recursos de ensino utilizados nas disciplinas dos Cursos de Enfermagem.	57
XX	- Técnicas de ensino utilizadas nas disciplinas dos Cursos de Enfermagem.	58
XXI	- Valores populacionais estimados para uso de laboratórios.	59

XXII - Utilização dos laboratórios - valores populacionais estimados nos cursos de enfermagem.	60
XXIII - Utilização dos laboratórios específicos de Enfermagem.	60
XXIV - Pessoal em laboratórios específicos de Enfermagem.	61
XXV - Área dos laboratórios específicos de Enfermagem.	62
XXVI - Características de campos de prática.	65
XXVII - Características de campo de prática em percentual.	67
XXVIII - Campos de estágio não hospitalares - cursos de Enfermagem.	68
XXIX - Padrão de curso de Enfermagem: características físicas, administrativas e pedagógicas.	73
XXX - Padrão de Curso de Enfermagem - BIBLIOTECA.	74
XXXI - Padrão de Curso de Enfermagem - PESSOAL DISCENTE E DOCENTE.	75
XXXII - Padrão de Curso de Enfermagem - PESSOAL DISCENTE.	76
XXXIII - Padrão de Curso de Enfermagem - TÉCNICAS E RECURSOS DE ENSINO.	77
XXXIV - Padrão de Curso de Enfermagem - CARACTERÍSTICAS DE LABORATÓRIO.	78

ÍNDICE DE FIGURAS

01	- Instituição de Ensino Superior cursos de Enfermagem por distritos geoe- educacionais (Norte)	25
02	- Instituição de Ensino Superior cursos de Enfermagem por distritos geoe- educacionais (Nordeste)	25
03	- Instituição de Ensino Superior cursos de Enfermagem por distritos geoe- educacionais (MG e E.S.)	26
04	— Instituição de Ensino Superior cursos de Enfermagem por distritos geoe- educacionais (R.J.)	26
05	- Instituição de Ensino Superior cursos de Enfermagem por distritos geoe- educacionais (S.P.)	27
06	- Instituição de Ensino Superior cursos de Enfermagem por distritos geoe- educacionais (Sul)	27
07	— Instituição de Ensino Superior cursos de Enfermagem por distritos geoe- educacionais (Centro-Oeste)	28
08	- Cursos de Enfermagem segundo região geoeeducacional • Todo o Brasil em 1974	29
09	- Localização de cursos segundo região e tipo de subordinação até 1974	30
10	- Localização de cursos segundo região e tipo de subordinação a partir de 1975	30

ÍNDICE DE GRÁFICOS

I	— Evolução do crescimento de Cursos de Enfermagem no Brasil - 1890 a 1977.	31
II	- Relação entre vagas, matrículas e formandos, de 1966 a 1977	36
III	- Relação de percentual de incremento de vagas, matrícula e formandos 1966 a 1975.	37
IV	- Percentual de docentes por titulação nos cursos de graduação em Enfermagem - 1975.	44
V	- Percentual de qualificação do Corpo Docente das escolas de Enfermagem 1975.	47

INTRODUÇÃO

O empenho por mudanças contínuas e conseqüentes no ensino de enfermagem decorre da necessidade de que a formação do enfermeiro seja adaptada às crescentes exigências de saúde da população.

A formação de enfermeiros propõe uma nova concepção que requer uma postura decisiva diante de fatos relativos a: 1 - nova filosofia do atendimento de saúde, com ênfase nos aspectos preventivos; 2 - organização do sistema nacional de saúde; 3 - a elevação do nível de vida das populações; 4 - a assistência voltada para o cuidado integral de saúde prestada diretamente a pessoas e a grupos da comunidade. Essa nova concepção é portanto, um desafio.

O Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura (DAU/MEC) aceitando o desafio, propôs-se a liderar o movimento de renovação do ensino da enfermagem. Compreendendo, porém, que o primeiro requisito de qualidade é a quantidade adequada, e verificando que a insuficiência de enfermeiros no Brasil é alarmante, designou um Grupo de Trabalho para prestar assessoramento no diagnóstico sobre cursos de enfermagem, composto de três educadores de enfermagem, na época representantes das regiões Nordeste, Leste e Sul, onde se concentrava a quase totalidade de enfermeiros do País.

Este Grupo de Trabalho, reunido em Brasília em março de 1975, apresentou o documento que serviu de ponto de partida para a atuação do DAU/MEC nessa área de ensino superior. (Anexo 1)

O Sr. Diretor do DAU/MEC, Professor Edson Machado de Sousa, para assegurar a continuidade do assessoramento, condição essencial à implantação das recomendações contidas no referido documento, solicitou a colaboração da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a qual cedeu, atendendo a AVISO MINISTERIAL, duas de suas docentes-enfermeiras, as quais passaram a integrar o Grupo Setorial de Saúde daquele Departamento.

Pará implementar as recomendações do documento, entretanto, necessitou, o DAU/MEC, de conhecimento seguro da situação do ensino superior de enfermagem no País, o que só poderia ser obtido pelo levantamento das condições das 38 (trinta e oito) instituições dedicadas a esse ensino no Brasil, na ocasião 1975.

Estudos preliminares desenvolvidos pelo Grupo Setorial de Saúde precederam o Levantamento. Contaram com a colaboração de enfermeiras de várias regiões do País, empenhadas no ensino e no exercício da enfermagem.

A partir dos resultados do Levantamento e mesmo antes da elaboração do respectivo relatório, o Grupo Setorial de Saúde passou a implementar as recomendações do Grupo de Trabalho, especialmente quanto aos seguintes aspectos:

1 - estimulou a criação de 11 (onze) novos cursos de graduação em enfermagem, em universidades federais e 1 (um) em instituição particular, cursos esses cuja instalação supervisionou e aos quais continua a dar assessoramento;

2 - iniciou estudo sobre currículo mínimo do Curso de Graduação em Enfermagem, com o objetivo de apresentar subsídio ao Conselho Federal de Educação, a partir de uma experiência com Novas Metodologias aplicáveis ao Ensino de Enfermagem, a qual se desenvolve na UFRJ;

3 - promoveu entendimentos com órgãos e grupos envolvidos na problemática de saúde, contribuindo, assim, para a elaboração do documento Formação e utilização dos recursos humanos na área de saúde (DAU/MEC, 1976);

4 -- iniciou trabalho sobre requisitos, mínimos para a criação de cursos de graduação em enfermagem;

5 — desenvolveu programas de Cursos de Especialização como forma de qualificação mínima para novos docentes de cursos recém-criados.

Finalmente, o presente relatório, que contém o resultado do Levantamento das condições das escolas e faculdades de enfermagem, em 1975, preparado pelo Grupo Setorial de Saúde do DAU/MEC, representa o trabalho de várias equipes.

PARTE I - LEVANTAMENTO DO ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM ANO BASE - 1975

- Metodologia:

Amostra - Foram admitidos para fazer parte da amostra 38 (trinta e oito) dos 41 (quarenta e um) Cursos de Graduação em Enfermagem que funcionavam, em 1975, em todo o País; 3 (três), dos 41 (quarenta e um), não foram arrolados entre os que se submeteram ao levantamento porque não estavam incluídos oficialmente na listagem existente no Catálogo de Instituições e Cursos do MEC. Dos 38 (trinta e oito) Cursos, responderam ao levantamento 36 (trinta e seis) deles, correspondendo a, aproximadamente 95% da população de cursos funcionando segundo os registros oficiais de que se dispunha.

Ano Base - Foi admitido como ano base do levantamento, 1975, considerando-se que tinha sido esse o ano próximo anterior em que tais cursos tinham produzido enfermeiros formados. Deixaram de ser incluídos os cursos que estavam com funcionamento iniciado em 1975, bem como aqueles que não tinham formado qualquer turma de enfermeiros.

- Instrumento

Foi elaborado um formulário, a exemplo do que havia sido preparado para levantamento de outras áreas no DAU/MEC. O referido formulário foi adaptado para as finalidades do levantamento de enfermagem e, inclusive, acrescido de alguns itens mais especificados. (Anexo 2)

Para tanto o referido formulário foi composto de 10 (dez) conjuntos de informações relativas ao ensino superior de enfermagem. Foram os seguintes os conjuntos explorados:

01 - Identificação

02 — Informações Estatísticas - entrada e saída de alunos

- 03 - Facilidades para o Ensino - Instalações
- 04 - Plano Curricular
- 05 — Corpo Docente (Pré-Profissional e Profissional) - Titulação, Qualificação e Regime de Trabalho
- 06 - Plano de Ensino (Recursos e Técnicas)
- 07 - Biblioteca
- 08 - Laboratórios
- 09 - Aspectos financeiros da Instituição
- 10 - Pós Graduação

A fim de nivelar a interpretação de cada item, foi elaborada um Guia de Preenchimento, o qual continha explicações necessárias para dirimir dúvidas eventuais. (Anexo 2)

O Grupo de Trabalho se responsabilizou por conferir os itens do formulário, "in loco", para o que os enviou 2 (dois) meses antes da visita, a fim de que os dados fossem colecionados e facilitassem o preenchimento definitivo dos formulários, à presença do verificador, que os recolheria nessa ocasião.

Assim, foram distribuídas as 36 (trinta e seis) instituições entre os membros do Grupo de Trabalho, utilizando-se preferencialmente o critério de proximidade entre a Instituição do verificador e as Instituições a serem verificadas.

Os 36 (trinta e seis) formulários preenchidos e devolvidos foram submetidos a tratamento estatístico em computador feito por especialistas em Pesquisa Operacional que além de processarem os dados e fazerem interpretações estatísticas calcularam também o Padrão dos Cursos do ano 1975.

RESULTADOS E COMENTÁRIOS

- Subordinação Administrativo - Financeira

A situação em 1975 revelou que a participação federal na oferta de cursos de graduação em enfermagem foi menor que a particular, como se vê na tabela a seguir:

TABELA I - Número e Percentual de Instituições de Ensino Superior por Subordinação Administrativo-Financeira.

SUBORDINAÇÃO ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA	NÚMEROS ABSOLUTOS	PORCENTAGEM
FEDERAL	12	33%
ESTADUAL	08	22%
MUNICIPAL	02	06%
PARTICULAR	14	39%
TOTAL	36	100%

Há uma explicação histórica para este fato: quase todas as instituições particulares que mantinham esses cursos de formação de enfermeiros eram de caráter religioso, grandes influenciadoras da assistência de Enfermagem no mundo, por terem assumido a responsabilidade do cuidado aos doentes.

Não havia realmente até 1975, grande interesse manifestado das instituições de ensino oficiais pelo ensino superior de enfermagem, embora a Lei Nº 775/49 (Art. 20) já possibilitasse a existência desse curso em todas as universidades.

Os trabalhos apresentados pelo pessoal da área de saúde, quase sempre, atribuíram à falta de enfermeiros, as dificuldades de elevação do nível de assistência à população. Paradoxalmente, quando o curso de enfermagem que poderia estar presente e atuante em todas as instituições de ensino superior em universidades oficiais, não existiam nessa ocasião, pelo menos, em mais de uma dezena de Universidades Federais com possibilidade de fazê-los funcionar.

Nessa óptica, a partir de 1975, o DAU/MEC estimulou a criação de 13 (treze) cursos de enfermagem em instituições federais. A criação desses novos cursos visou, principalmente, a formação do enfermeiro geral, sem maior preocupação com ofertas de habilitações específicas, desde seu início, sem com isso ignorar o que prevê o Conselho Federal de Educação na Resolução No 4/72 baseada no Parecer N° 163/72, do mesmo Conselho.

TABLEA II - Número e Percentual de Cursos Oferecidos (Curso Geral, Habilitações, Licenciatura) segundo a Subordinação Administrativo-Financeira - 1975.

CLASSIFICAÇÃO DO CURSO	SUBORDINAÇÃO ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA				
	FEDERAL	ESTADUAL	PARTICULAR	MUNICIPAL	TODAS
Enfermeiro Geral	3	4	10	2	19
	25%	50%	71.4%	100%	52.8%
Enf. Geral e mais uma habilitação	4	0	0	0	4
	33.3%	0%	0%	0%	11.1%
duas habilitações	0	0	2	0	2
	0%	0%	14.3%	0%	5.5%
Enf. Geral e mais tres habilitações	1	3	1	0	5
	8.3%	37.5%	7.1%	0%	13.9%
Enf. Geral e mais tres habilitações + Licenciatura	4	1	1	0	6
	13.3%	12.5%	7.1%	0%	16.7%
TOTAL	12	8	14	2	36
	100%	100%	100%	100%	100%

Observa-se que, dos 36 (trinta e seis) cursos participantes do levantamento em 1975, 50% ofertavam apenas a formação em enfermagem geral. Do restante, além da formação em enfermagem geral, ou seja 4 (quatro) instituições, ofertavam apenas uma habilitação específica; 5,5% ou seja, duas instituições ofertavam duas habilitações específicas; 13,9%, ou seja, cinco instituições, ofertavam três habilitações específicas e 16,7% ou seja, seis instituições ofertavam quatro habilitações específicas. Tendo em vista que o ensino oficial de enfermagem com características do Sistema Nightingale, foi iniciado em 1923 era de se esperar, em 1975 quando já havia algum tempo integrado como nível superior, um desenvolvimento bem mais expressivo dessa área de ensino.

TABELA III - Tempo de Funcionamento dos Cursos de Enfermagem do Brasil.

TEMPO DE FUNCIONAMENTO	
MÉDIA	266.92 meses
DESVIO PADRÃO	147.90 meses
COEFICIENTE DE VARIAÇÃO	55%

Um outro dado que esclarece de certo modo alguns dos aspectos já abordados é o de que, das 36 (trinta e seis) escolas respondentes do formulário, o tempo médio de funcionamento foi apurado em 266.92 meses, ou seja, 22 (vinte e dois) anos.

Segundo os dados estatísticos existentes no Ministério da Educação e Cultura, anteriores a 1975, verifica-se que dentre as profissões de nível universitário, esta foi uma das que menos cresceram.

Entretanto, nos 22 (vinte e dois) anos de tempo médio de funcionamento desses cursos, as instituições envolvidas na formação de enfermeiros sempre associaram o ensino à prestação de bons serviços à população, o que, de certo modo, caracteriza o padrão de qualidade do ensino de Enfermagem, ainda que em ritmo lento de crescimento.

A importância de serem criados novos cursos de Enfermagem, malgrado a falta de docentes-enfermeiros com titulação recomendável, é relevante num país em que se torna imprescindível cobrir "deficits" acumulados historicamente, o que vem concorrendo para dificultar, finalmente o progresso da área de saúde como um todo.

Ainda assim, diante de todo o esforço desenvolvido para o aumento do número desses cursos (Anexo 3), que chegou ao quantitativo de 63 (sessenta e três), o número total de estudantes de enfermagem está em cerca de 10.000 (dez mil), matriculados nos diversos semestres do curso de graduação, considerada a média de 8 (oito) semestres nos cursos. Isto equívale a dizer, que existe, aproximadamente, um estudante para cada 10.000 habitantes.

A Tabela V mostra o aumento quantitativo dos cursos de graduação em enfermagem em todas as regiões do Brasil, após o ano 1974.

TABELA V - Cursos de Graduação em Enfermagem existentes em 1974 e os implantados em 1977, distribuídos pelas regiões do país.

REGIÕES	CURSOS EXISTENTES em 1974	CURSOS IMPLANTADOS de 1975 a 1977	TOTAL
NORTE	2	2	4
NORDESTE	14	4	18
SUDESTE	17	6	23
SUL	7	7	14
CENTRO-OESTE	1	3	4
TOTAL	41	22	63

A SEGUIR ENCONTRA-SE A DISTRIBUIÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM PELOS DISTRITOS GEO-EDUCACIONAIS EM 1974 (FIGURAS 1 a 7), UMA VISÃO GLOBAL DESSA DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL EM 1974 (FIGURA 8); LOCALIZAÇÃO DOS MESMOS CURSOS SEGUNDO AS REGIÕES BRASILEIRAS E A SUBORDINAÇÃO ADMINISTRATIVA EM 1974 (FIGURA 9) E APÓS 1975 (FIGURA 10); BEM COMO, EVOLUÇÃO DE CURSOS DE ENFERMAGEM OFICIALMENTE AUTORIZADOS A FUNCIONAR, DESDE 1891 a 1977 (GRAFICO 1).

DISTRIBUIÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO BRASIL PELOS
DISTRITOS GEO - EDUCACIONAIS, 1974

FIGURA 1 - Distritos Geo-educacionais
N°s. 1 a 3 (todo região Norte)



FIGURA 2 - Distritos Geo-educacionais
N°s. 4 a 12 (Toda Região Nordeste)

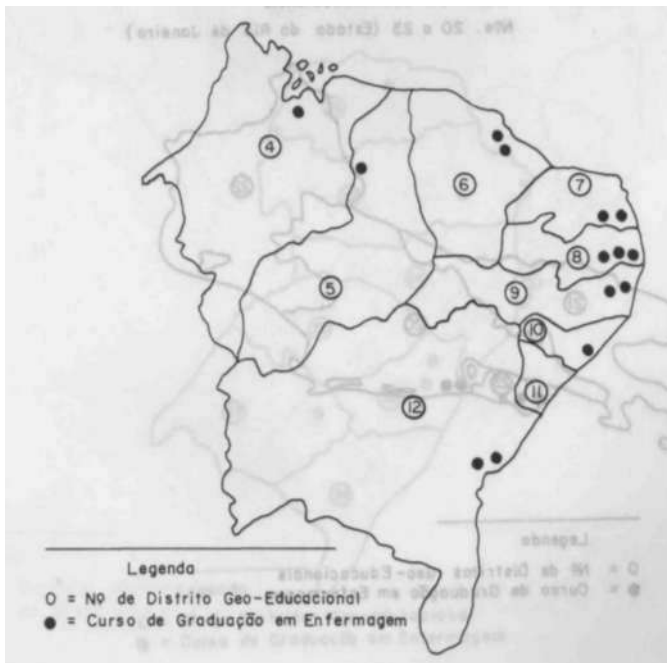


FIGURA 3 - Distritos Geo-educacionais
Nºs. 13 a 19 (Estado da Minas Gerais a Espírito Santo)

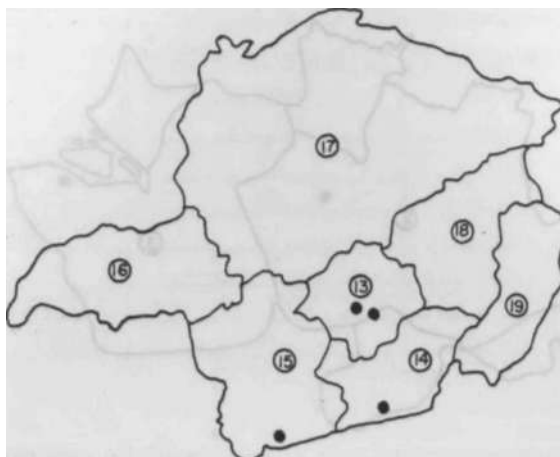
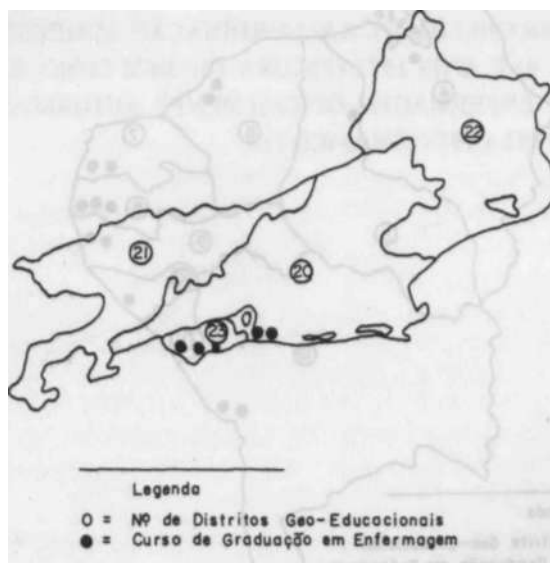


FIGURA 4- Distritos Geo-educacionais
Nºs. 20 a 23 (Estado do Rio de Janeiro)



**FIGURA 5 - Distritos Geo-educacionais
N°s. 24 a 31 (Estado de São Paulo)**



**FIGURA 6 - Distritos Geo-educacionais
N°s. 32 a 38 (Toda Região Sul)**



Legenda
 O = Nº de Distrito Geo-educacional
 ● = Curso de Graduação em Enfermagem

FIGURA 7 - Distritos Geo-educacionais
N.ºs. 39 a 41 (Toda a Região Centro-Oeste)

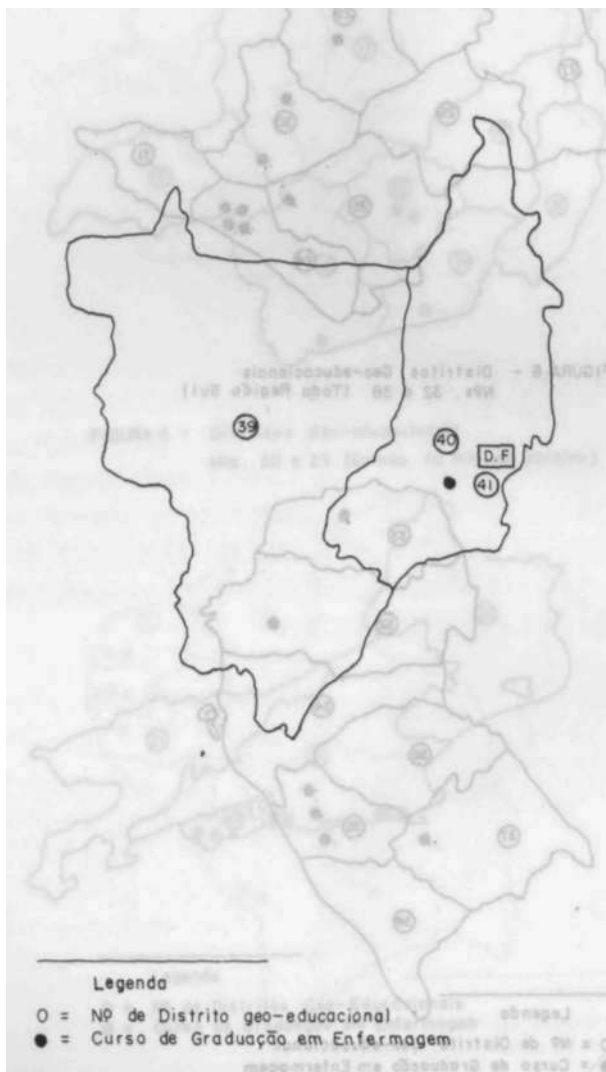
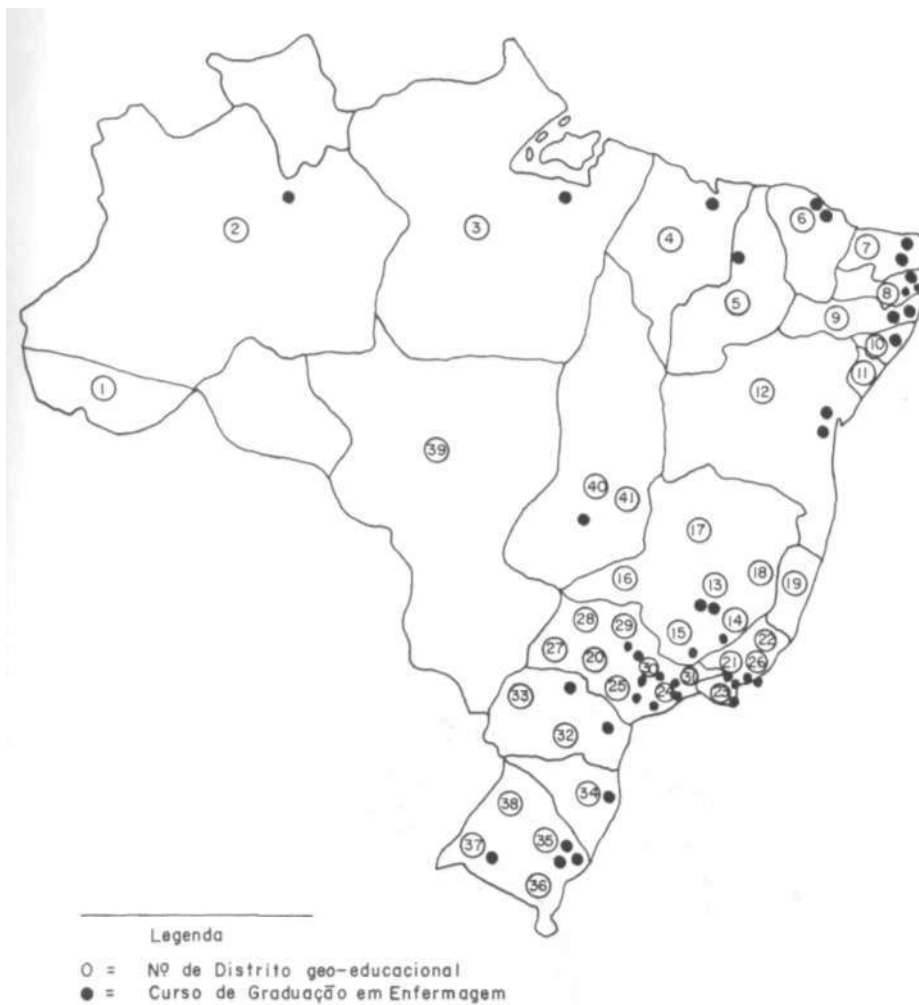


FIGURA 8 - Visão Global dos Cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil distribuídos segundo as regiões Geo-educacionais - 1974

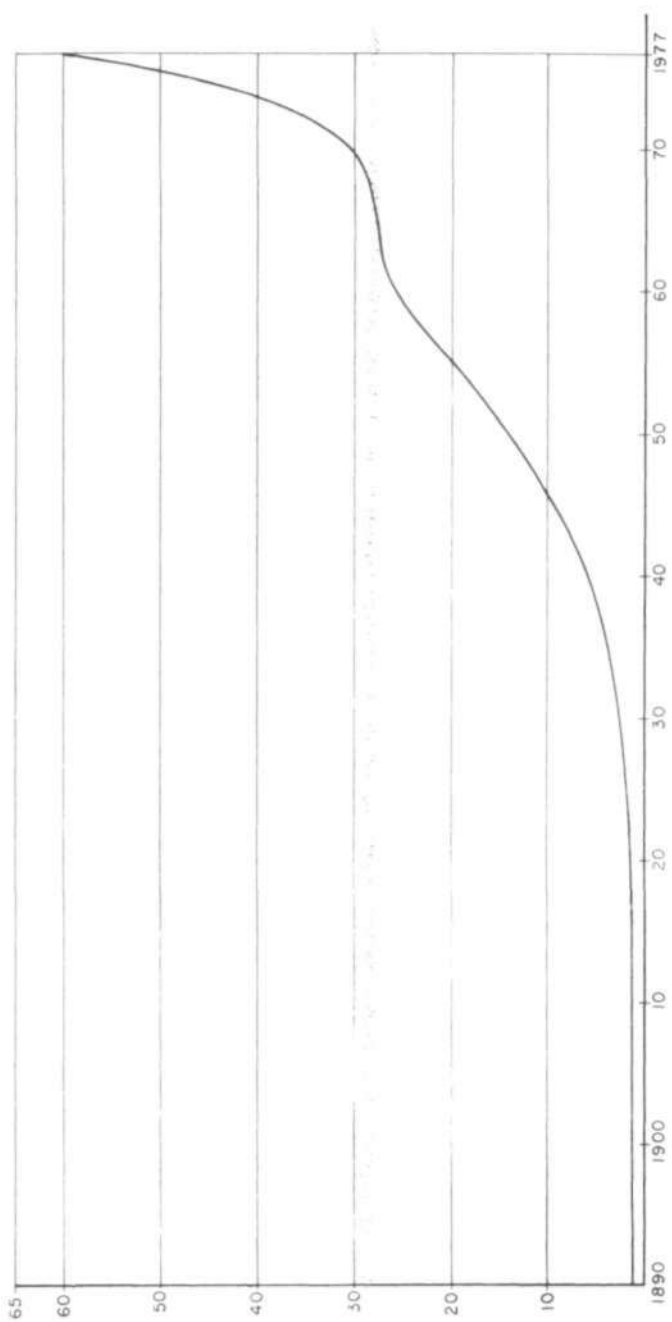


LOCALIZAÇÃO DOS CURSOS DE ENFERMAGEM SEGUNDO AS REGIÕES E O TIPO DE
SUBORDINAÇÃO ADMINISTRATIVA
- FIGURAS 9 e 10 -



Verifique-se, quanto a subordinação administrativo-financeira a participação federal foi duplicada a partir de 1975 e que, no total de cursos, ela passa a ser maior que as demais.

GRÁFICO I
EVOLUÇÃO DO CRESCIMENTO NUMÉRICO DE CURSOS DE ENFERMAGEM NO BRASIL
1890 a 1977



**- Fluxo de Alunos nos Cursos de Graduação em Enfermagem e sua
Relação com o Número de Vagas**

Como pode ser visto na tabela VI, de 1966 a 1975 o número de vagas oferecidas aumentou de 34% e o número de inscritos nos vestibulares cresceu 19 39%. Em 1966 a relação vaga/candidato que era de 1:1, passou em 1975 a 1.585, e nos anos de 1976 e 1977, atingiu a relação de 1:7. A procura pela profissão foi acentuadamente aumentada se considerarmos que houve também um aumento da oferta de, aproximadamente, 700 vagas, nestes dois últimos anos.

TABELA VI - Curso de Graduação em Enfermagem: vagas, inscrições no vestibular, matrículas, reprovações no vestibular, e desistência no ato da matrícula 1966 - 1975 (valores estimados).

Número de vagas e Matrículas	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	De 1966 a 1975
Número de Vagas	628	745	857	1027	1303	1376	1720	1852	1904	2097	13509
Número de Inscritos no Vestibular	631	822	1088	1964	2491	3177	4492	6970	8244	12234	42113
Número de Vagas p/ 100 Inscritos	99.5	90.6	78.8	52.3	52.3	43.3	38.3	26.6	23.1	17.1	32
Peercentual de Incremento do nº de Vagas	-	19%	15% ^s	20%	27%	6%	25%	8%	3%	10%	334%
Percentual de Incremento do nº de Inscritos		30%	32%	81%	28%	18%	41%	55%	18%	48%	1939%
Número de Matrículas Iniciais	487	635	837	932	1137	1169	1461	2022	2509	2678	13867
Percentual de Reprovação ou disistencia no ato da matrícula	23%	23%	23%	47%	46%	37%	33%	29%	30%	22%	33%

O maior percentual de incremento do número de inscritos no vestibular ocorreu em 1969, tendo alcançado 81%. Iniciava-se, então, nas escolas, o movimento para se ajustarem aos princípios da Reforma Universitária. As escolas

organizavam-se em Departamentos, ao tempo em que começavam a integrar os Colegiados da Universidade, havendo nessa oportunidade maior esclarecimento dos estudantes, docentes e demais membros de outras carreiras universitárias, quanto a enfermagem como curso de nível superior e seu papel na elevação do nível de saúde da população; entretanto, nessa ocasião, embora houvesse tão grande procura, as vagas oferecidas não foram preenchidas em sua totalidade, devido ao alto percentual (47%) de desistência, no ato da matrícula.

Na tabela, VII, uma referência digna de nota é a relação entre o número de vagas e o número de matrículas iniciais, de 1966 a 1972. Observa-se que a oferta de vagas até esse ano foi sempre maior que o número de matrículas iniciais, o que fazia crer que a procura dos cursos de enfermagem era mínima, embora a oferta também, em todas as épocas, pudesse ser considerada irrisória diante das necessidades de saúde da população.

Seja qual for a causa, em verdade, não se pode deixar de associá-la a fatos novos surgidos a partir de 1972, tais como a aprovação pelo CFE do novo currículo mínimo que foi ajustado aos preceitos estabelecidos pela Reforma Universitária.

Se por um lado, os dados anteriormente comentados revelam uma situação de não ociosidade de vagas entre 1972 e 1975, por outro, esses mesmos dados acrescidos de outras informações obtidas sobre o crescimento da área de enfermagem no País, indicaram que essa profissão foi uma das que menos cresceram nesse período (1).

TABELA VII - Curso de Graduação em Enfermagem: vagas, matrículas iniciais, número de formandos por 100 matriculados, percentuais de incremento de vagas, matrículas, formandos - 1966- 1975.

ANO	NUMERO DE VAGAS	NUMERO DE MATRICULAS INICIAIS	NÚMERO DE FORMANDOS	NÚMERO TOTAL DE MATRICULADOS NOS CICLOS BÁS. E PROF.	NUMERO DE FORMANDOS POR 100 MATRICULADOS	PERCENTAGEM DE INCREMENTO DO Nº TOTAL DE VAGAS	PERCENTAGEM DE INCREMENTO DO Nº TOTAL DE MATRICULAS	PERCENTAGEM DE INCREMENTO DO Nº TOTAL DOS FORMANDOS
1966	628	487	241	770	31			
1967	745	635	259	891	29	19%	16%	7%
1968	857	837	285	1.220	23	15%	37%	10%
1969	1.027	932	424	1.496	28	20%	23%	49%
1970	1.303	1.137	554	1.946	28	27%	30%	31%
1971	1.376	1.169	719	2.527	28	6%	30%	30%
1972	1.720	! 46]	768	3.239	24	25%	28%	7%
1973	1 852	2.022	775	4.465	17	8%	38%	1%
1974	1.904	2.319	957	6.212	15	3%	39%	23%
1975	2.097	2.698	1.032	7.717	13	10%	26%	8%
1966/1975								
Total	13.509	13 507	6.014	30.483	20	334%	902%	328%

O DAU/MEC, quando, a partir de 1975 estimulou a criação de novos cursos de enfermagem, aumentou a oferta de vagas, que até então era de, aproximadamente 2000, para cerca de 2.600. O aumento do número de vagas determinará um aumento do número de formandos. Considerando o "déficit" acumulado de enfermeiros e o aumento da necessidade desses profissionais para fazerem face às exigências crescentes de saúde no País, pode-se afirmar que o esforço em dobrar o número de vagas atuais, não chega, de modo algum, a atingir ou mesmo aproximar seus resultados das metas propostas no Plano Decenal de Saúde para as Américas (2) quando recomendou 4,5 enfermeiros para 10.000 habitantes. Os dados existentes mostram que, atualmente há apenas 1,1 enfermeiros para cada 10.000 habitantes.

Segundo dados publicados pela Revista Brasileira de Enfermagem, e consideradas ainda as proposições da II Reunião de Ministros - Plano Decenal de Saúde para as Américas - o número de enfermeiros necessários em 1980, para uma população estimada em 125 milhões de habitantes, está calculado em 56.250.

Entretanto, estima-se que nesse ano de 1980, a continuar o atual ritmo de crescimento seja, de aproximadamente, 16.000, o número de enfermeiros em exercício no País (estimativa com base em dados fornecidos pelo Conselho Federal de Enfermagem).

A partir de 1973 o número de matrículas iniciais ultrapassou o número de vagas oferecidas para a enfermagem. Os gráficos II e III mostram uma situação curiosa: o número de matrículas iniciais ultrapassou o número de vagas oferecidas para a enfermagem.

1. Matrículas com isenção de exame vestibular por convênios internacionais ou por transferências de servidores públicos, civis e militares;
2. Re-matrícula de alunos.

GRÁFICO II
VAGAS, MATRÍCULAS E FORMANDOS
PERCENTUAL DO INCREMENTO DE VAGAS, MATRÍCULAS E FORMANDOS
1966/1975

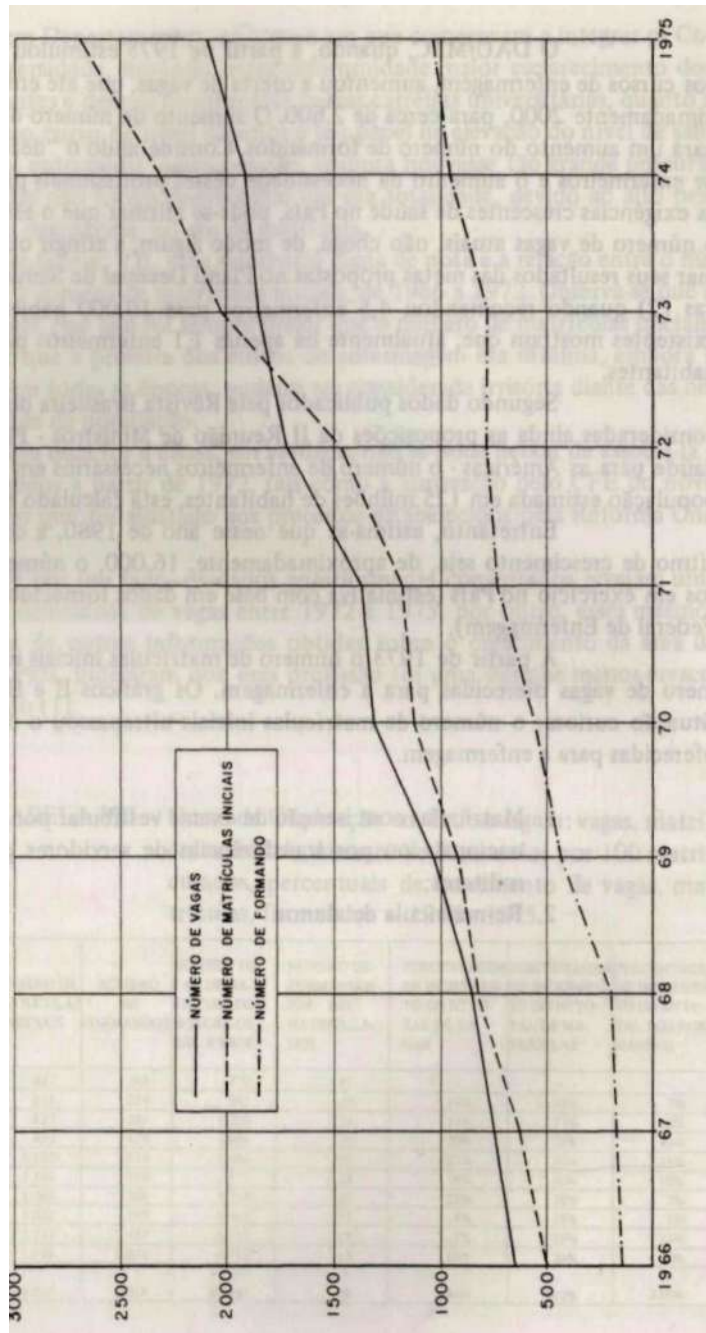
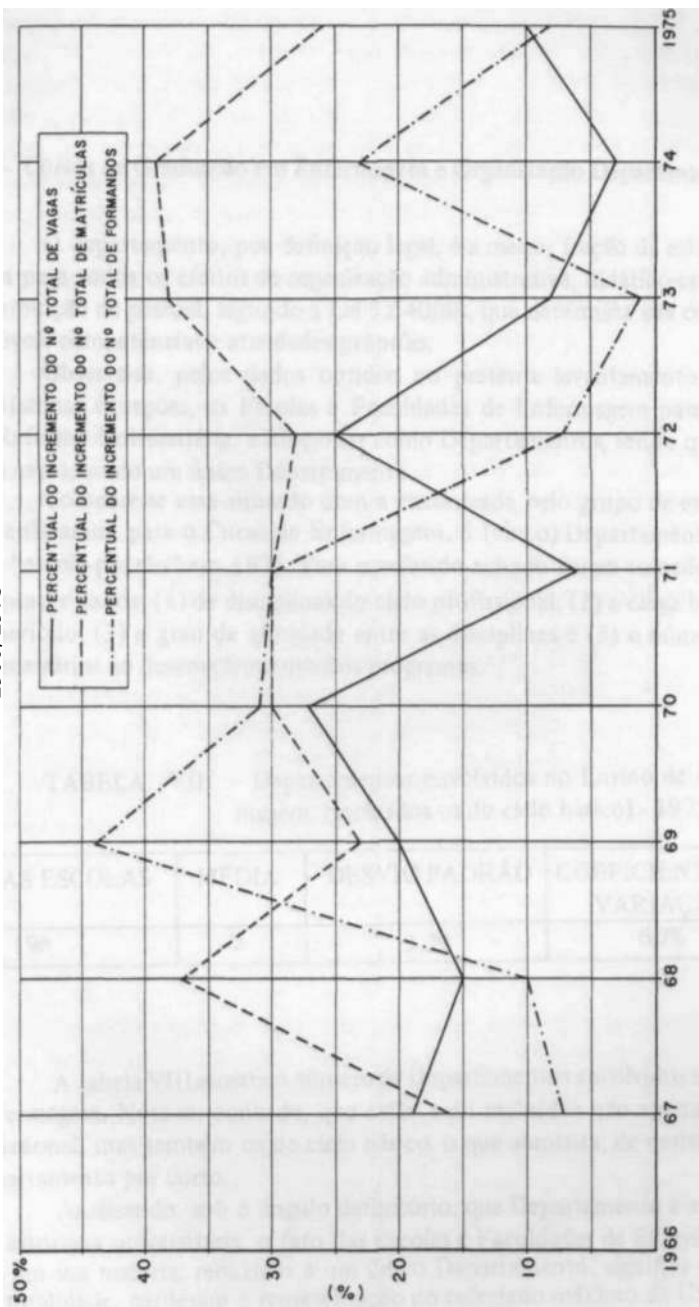


GRÁFICO I I I
 PERCENTUAL DO INCREMENTO: VAGAS, MATRÍCULAS e FORMANDOS
 1966/1975



- Cursos de Graduação em Enfermagem e Organização Departamental

O departamento, por definição legal, é a menor fração da estrutura universitária para todos os efeitos de organização administrativa, didático-científica e de distribuição de pessoal, segundo a Lei 5.540/68, que determina sua composição, objetivos, competências e atividades próprias.

Observa-se, pelos dados obtidos no presente levantamento, que, com pouquíssimas exceções, as Escolas e Faculdades de Enfermagem passaram, depois da Reforma Universitária, a funcionar como Departamentos, sendo que, na maioria dos casos, como um único Departamento.

Compare-se essa situação com a encontrada pelo grupo de especialistas que verificaram, para o Curso de Enfermagem, 5 (cinco) Departamentos no que seria a "escola-padrão" em 1975. Para o referido achado foram tomados por base os seguintes dados: (1) de disciplinas do ciclo profissional, (2) a carga horária disciplina/período, (3) o grau de afinidade entre as disciplinas e (5) o número de docentes necessários ao desenvolvimento dos programas.

TABELA VIII - Departamentos envolvidos no Ensino de Enfermagem. (incluídos os do ciclo básico) - 1975.

TODAS AS ESCOLAS	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	COEFICIENTE DE VARIAÇÃO
196	5	3.29	60%

A tabela VIII mostra o número de Departamentos envolvidos no ensino de Enfermagem. Nota-se, contudo, que estão aqui incluídos não apenas os do ciclo profissional, mas também os do ciclo básico, o que aumenta, de muito a média de departamento por curso.

Analisando, sob o ângulo definitivo, que Departamento é a menor fração da estrutura universitária, o fato das Escolas e Faculdades de Enfermagem terem sido em sua maioria, reduzidas a um único Departamento, significa que na sua quase totalidade, perderam a representação no colegiado máximo da Universidade.

Acresce que dada a multiplicação numérica de Departamentos de outras áreas profissionais nos mesmos Centros ou Institutos, a força de resolução e a representabilidade da Enfermagem tornam-se nitidamente desiguais entre ela e seus pares nos Colegiados desses Centros ou Institutos. Esse é, possivelmente um dos fatores que concorrem para a lentidão de seu progresso, em termos de crescimento e desenvolvimento dentro do contexto global da Universidade.

Em termos de produtividade, quanto a distribuição equilibrada em número de Departamentos, vale dizer como Souza (31): "nos macro-departamentos dilui-se a participação, e nos micro-departamentos retornam as tentações de feudalismos inerentes à antiga cátedra".

Na situação atual, consideradas todas as áreas de formação profissional nas Instituições de Ensino Superior, a de Enfermagem ocupa lugar entre as que são menos expressivas quanto ao número de Departamentos.

Muitos deles concentram grande volume de trabalho em um só professor com várias disciplinas, a nível de graduação em enfermeiro geral e de habilitações específicas, além do fato de que muitos desses mesmos professores estão envolvidos com diversas formas de pós-graduação. Tudo faz crer que o número real de alunos por professor de enfermagem é muito superior tendo em conta todos esses acréscimos e não somente o total de estudantes de graduação em enfermagem geral.

Neste aspecto de organização departamental também, a Enfermagem está em situação diferente de seus pares nas Universidades: como Departamento único, é um "macro-departamento", onde a participação dos docentes é diluída. Por outro lado, não conta com pessoal docente suficiente (em média 38 por escola) para compor o número adequado de departamentos no Ciclo Profissional, considerados os dados obtidos, a partir do estudo da "escola-padrão".

- **Corpo Docente dos Cursos de Enfermagem**

TABELA IX - Distribuição dos Docentes envolvidos no Curso de Enfermagem por titulação 1975.

Nº ABSOLUTO PERCENTAGEM MÉDIA	CARREIRA DE MAGISTÉRIO			O U T R O S		
	TITULARES	ADJUNTOS	ASSISTENTES	AUX. ENS.	NÃO ESPECIFICADOS	TOTAL
Nº TOTAL	261	115	348	395	242	1.361
PERCENTUAL	19	9	26	29	17	100
MÉDIA	7,2	3,2	9,6	11	6,7	37,8

A tabela IX, bem como o Gráfico V, a seguir indica que, no Brasil, em 1975, havia um total de 1.361 (hum mil, trezentos e sessenta e hum) docentes que participavam do ensino nos 36 cursos de enfermagem que responderam ao levantamento. Ressalte-se o fato de que estão incluídos nesse total, os professores ligados a outras unidades de ensino que, necessariamente, ministram aulas no Ciclo Básico (correspondente ao Ciclo Pré-profissional - Resolução N° 4/72, do CFE), e ainda os professores do Ciclo Profissional, que abrange o tronco profissional comum e as habilitações específicas (mesma Resolução do CFE).

Se considerada a relação professor-aluno, tomando como base o número de matrículas no ciclo profissional, e o número de alunos, 5019, número obtido pela diferença entre o total de matriculados, o número de matrículas, iniciais (Quadro VII), e o número total de docentes-enfermeiros (Quadro XI), verifica-se que o resultado é 1:8, o que, à primeira vista dá uma idéia de que no campo do ensino de enfermagem, a situação quantitativa de docentes é boa; entretanto, esses números contêm uma expressão qualitativa bem diferente quando considerados outros aspectos da mesma questão. Os docentes-enfermeiros, em muitas escolas, dedicam-se ao ensino não só de alunos do tronco profissional comum, como também de habilitações específicas, que constitui, cada uma, um curso complementar à parte, do ponto de vista de organização e desenvolvimento administrativo-curricular, com deslocamentos do ensino de uns e outros, para campos de prática diversificados, e freqüentemente muito distantes da Sede da Unidade de Ensino.

Acresce que, em umas poucas dessas Unidades, parte desse grupo, fica envolvido diretamente também com cursos de pós-graduação "latu-senso" e

"strictu senso", o que é recomendável; e, em outras, alguns docentes de graduação, dedicam-se paralelamente, ao ensino de pessoal auxiliar a nível de 2º grau, particularmente nas Instituições de Ensino de Enfermagem que oferecem Licenciatura, e (jue por isso têm que oferecer a Prática de Ensino a esse nível.

TABELA XI - Distribuição dos Docentes - enfermeiros por titulação- 1975.

Nºs. ABSOLUTOS PERCENTUAL MÉDIA	CARREIRAS DO MAGISTÉRIO			O U T R O S		TOTAL
	TITULARES	ADJUNTOS	ASSISTENTES	AUX. ENS.	NAO ESPECIFICADOS	
Nº TOTAL	107	83	14	199	82	613
PERCENTUAL	18	13,4	23,4	33	13,4	100
MÉDIA	2,97	2,30	3,94	5,52	2,27	17

Do total de 1361 docentes de enfermagem indicados na Tabela X, apenas 613 estão identificados como docentes-enfermeiros.

Ao verificar a Tabela XI que aponta somente os docentes-enfermeiros dos cursos levantados em 1975, cabe aqui um comentário relativo à caracterização do ensino de graduação em enfermagem em relação aos campos de prática, e a respectiva supervisão docente das atividades do aluno nesses campos; essas atividades que são desenvolvidas em campos os mais diversos (hospitais, maternidades, centro de saúde, postos de saúde, escolas do 1º grau, creches e outros), requerem supervisão em graus de intensidade muito diferentes, chegando, em certas situações, a exigir proporção máxima professor aluno, de 1:2, como, por exemplo, em Unidades de Terapia Intensiva e Salas de Parto.

TABELA X - Qualificação docente, número e percentual/média por escola- 1975.

Nºs. ABSOLUTOS PORCENTAGEM MÉDIA	SOMENTE GRADUADOS	OUTRAS QUALIFICAÇÕES ALÉM DE GRADUAÇÃO						TOTAL
		HABILITADOS	PÓS-GRAD. S/TESE	MESTRES	DOCTORES	L. DOC.	OUTROS	
Nº TOTAL	298	105	428	74	59	47	350	1361
PERCENTUAL	22	8	31,5	5,5	4	3	26	100
MÉDIA P/ CURSO	8,2	2,9	11,8	2	1,6	1,3	9,7	38

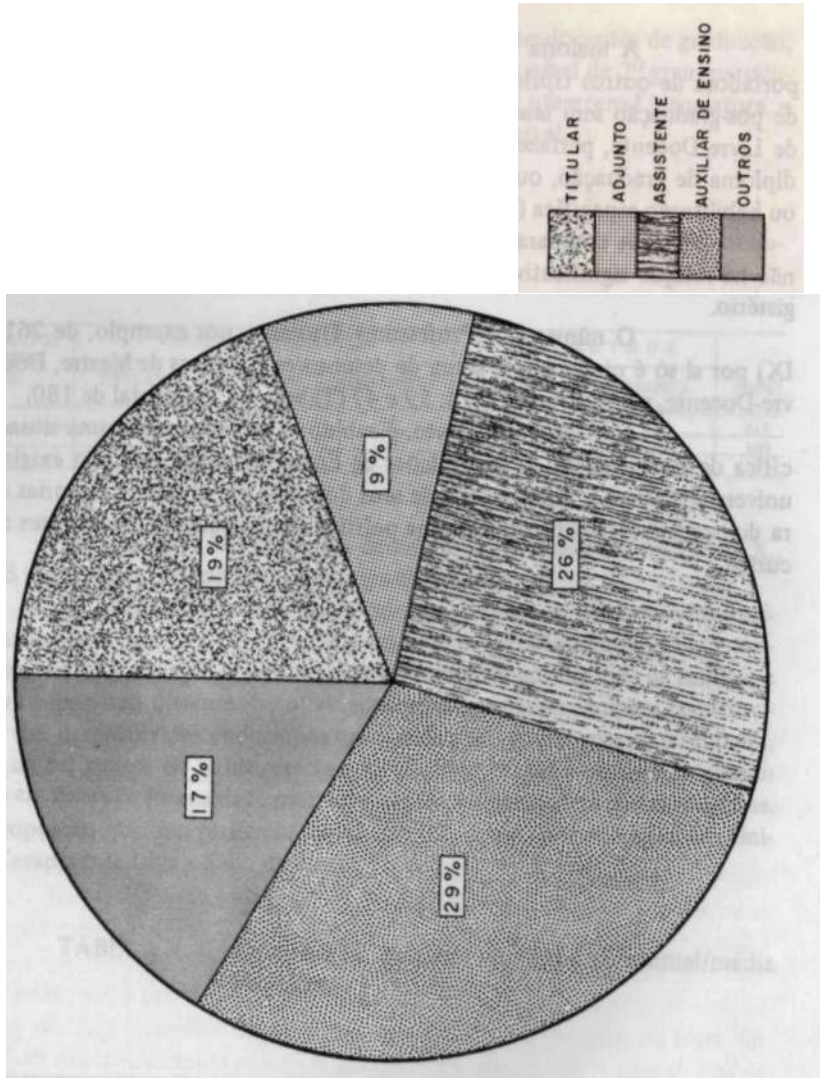
A maioria dos docentes, envolvidos no ensino de enfermagem, é portadora de outros títulos além do graduação, 78%; desses, 31,5% fizeram curso de pós-graduação sem tese; 5,5% são detentores do título de Mestre; 4% do título de Livre Docente, perfazendo o total de 44%. Os demais, 34%, possuem além do diploma de graduação, ou mais um diploma de graduação em outras áreas (26%), ou habilitação específica (8%).

A comparação entre as tabelas IX e X revela uma situação estranha: não há relação significativa entre grau universitário e categoria de carreira de magistério.

O número de Professores Titulares, por exemplo, de 261 (Tabela IX) por si só é maior que a soma de detentores dos graus de Mestre, Doutor e Livre-Docente, respectivamente 74, 59 e 47 (Tabela X), num total de 180.

Um fato, entretanto, é sabido: o de não ser esta uma situação específica de Enfermagem; as Instituições de Ensino Superior que não exigiam título universitário para a classificação de seus docentes nas diversas categorias da carreira do magistério, adotaram a mesma política na contratação de docentes de outros cursos.

GRAFICO- IV
PERCENTUAL DE DOCENTES POR TITULAÇÃO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E OBSTETRÍCIA
—1975—



Tais observações podem indicar a pouca representabilidade quantitativa de docentes-enfermeiros nos Cursos de Enfermagem em 1975. Considerada a distribuição do currículo mínimo em duas partes, a básica e a profissional, e tendo em conta ainda que a duração média do ciclo básico é de 3 (três) semestres, e a duração média de todo o curso de graduação em enfermagem é de 8 (oito) semestres letivos evidencia-se aí, uma distribuição irregular visto que, apenas 45% do total de professores envolvidos no ensino de enfermagem são docentes-enfermeiros e se responsabilizam diretamente pelo desenvolvimento de 62,5% do currículo mínimo desses cursos.

TABELA XII - Regime de Trabalho dos Docentes envolvidos nos Cursos de Enfermagem 1975.

Nº TOTAL PERCENTAGEM MÉDIA	40 h	24 h	20 h	12h	OUTROS	TOTAL
Nº TOTAL	369	219	107	74	592	1361
PERCENTAGEM	27	16	8	5	44	100
MEDIA	10,25	6,08	2,97	2,05	16,44	37,8

Na tabela XII, que trata sobre regime de trabalho de docentes de enfermagem observa-se que a coluna de "outros" é a que apresenta a maior frequência. Apurado um pouco mais sobre isso, esses docentes, em sua maior parte, 44%, não explicitaram seu regime de trabalho, e muitos são pagos por hora-aula, variável de acordo com as exigências das disciplinas que mantenham empregatício sem vínculo com a Instituição.

Sabe-se, pelo levantamento, que é grande o número de "horistas", ou seja, de docentes que recebem pagamento por hora de trabalho. Sabe-se, igualmente, que o número de horas de trabalho dos docentes "horistas" varia de um docente para outro, bem como, no caso do mesmo docente, dependendo ao próprio interesse da disciplina. Estes docentes não têm vínculo empregatício com a instituição de ensino e sim, na maioria das vezes, com outras instituições locais; conseqüentemente não têm possibilidade de participar de programas capacitação docente em termos de deslocamento necessário a essa capacitação; mas quando num esforço especial da Instituição de Ensino é conseguida uma forma de deslocamento para esse preparo, quase sempre é impedida essa saída pela não obtenção de liberação das suas atividades como enfermeiro na instituição a que está vinculado.

Fato semelhante ocorre com professores colaboradores, cuja existência em números significativos, foi verificada no mesmo levantamento.

Para o ensino da enfermagem há vantagens ímpares na contratação de docentes em regime de 40 (quarenta) horas, em virtude da alta necessidade de cobertura do ensino em seus aspectos teóricos em classe e os aspectos de supervisão de alunos em campos de prática, cujo número de horas ultrapassa de muito, o de aulas teóricas em cada disciplina. Nesse ponto o ensino de enfermagem é peculiar, pois no Ciclo Profissional cada docente, tem possibilidade de aplicar, no Campo de Prática, os conhecimentos teóricos levantados em classe, e cada disciplina tem necessariamente uma carga horária de estágio obrigatório. Quanto a docentes-enfermeiros em tempo parcial eles são cada vez mais importantes para o ensino de enfermagem, à medida em que o restante do seu tempo de trabalho é ocupado em Serviços de Saúde que são também utilizados como Campos de Práticas; dessa forma, eles têm a mesma oportunidade que os de 40 (quarenta) horas, na aplicação prática dos ensinamentos teóricos, com a vantagem de serem elementos naturais e legítimos para a necessária articulação docente-assistencial.

A propósito desse assunto sobre docentes, em recentes dados sobre o ensino médico no Brasil, consta registro pertinente à comparação do desenvolvimento do ensino de enfermagem dentro da área de saúde. Naquela ocasião, 1975, havia dez mil docentes médicos atuando em hospitais de ensino. Enquanto isso, o total de enfermeiros em exercício em todo o País, era de, aproximadamente, onze mil, entre os quais estavam seiscentos e treze docentes-enfermeiros que atuavam não só em hospitais de ensino, como em todos os demais campos de prática de enfermagem, já citados nesse trabalho.

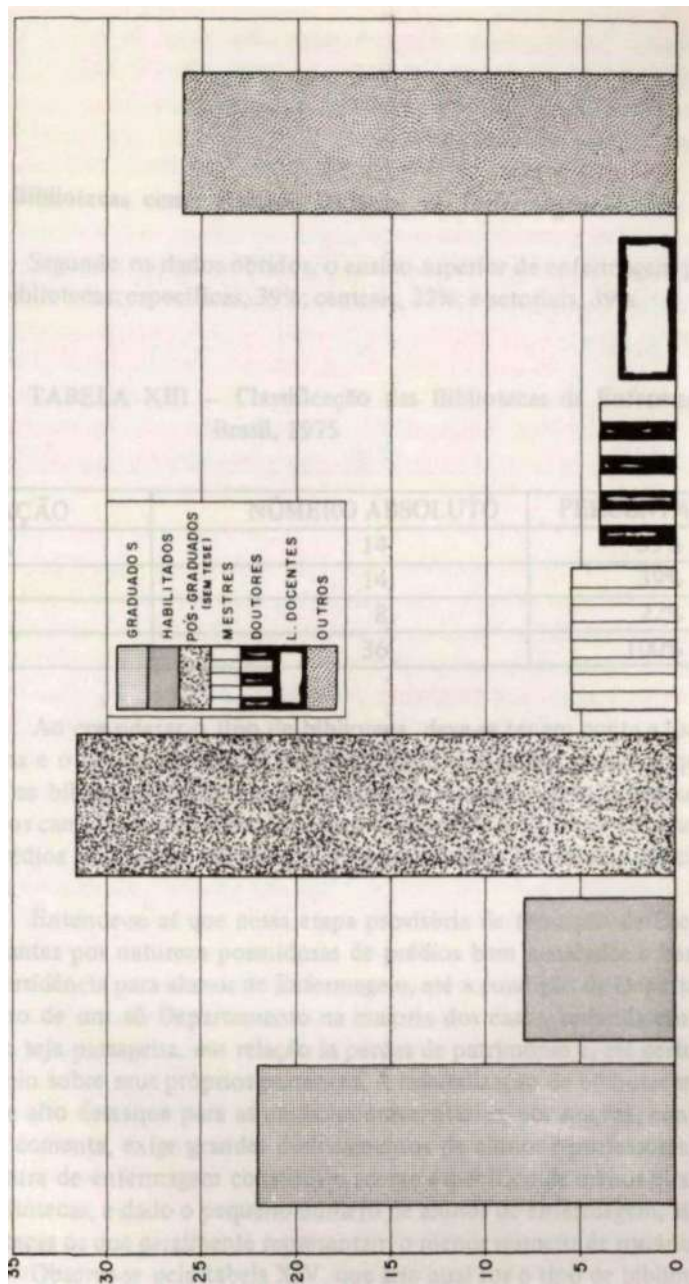
Essa situação é explicada pela relação entre os profissionais de ambas as áreas, que no Brasil, em 1975, era de 6 (seis) médicos por 1 (hum) enfermeira, dado revelador do subdesenvolvimento da enfermagem brasileira, quando comparada com a situação em países onde ela é reconhecidamente desenvolvida, como nos Estados Unidos, por exemplo, em que a relação é de 1 (hum) médico por 36 (trinta e seis) enfermeiras.

Diante dessas considerações, toda ação que venha a acelerar o processo de crescimento da formação de enfermeiros e de docentes-enfermeiros no Brasil, será pouca nos próximos anos.

Sob essa perspectiva a criação de novos cursos de graduação, a partir de 1975, com o estímulo do DAU/MEC, bem como a ação paralela de cursos de especialização foi um manifesto apoio governamental ao desenvolvimento da enfermagem brasileira.

Da continuidade desse apoio oficial depende a consolidação de posição da enfermagem no seu devido lugar ao lado das demais profissões da área da saúde. Permitir-lhe que alcance cada vez maior desenvolvimento será o único caminho justo, considerada a sua utilidade no contexto do desenvolvimento social em que se encontra o País.

GRAFICO - V
PERCENTUAL DE QUALIFICAÇÃO DO CORPO DOCENTE DAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM
BRASIL - 1975



- Bibliotecas como Recurso Didático de Enfermagem

Segundo os dados obtidos, o ensino superior de enfermagem possui as seguintes bibliotecas; específicas, 39%; centrais, 22%; e setoriais, 39%.

TABELA XIII - Classificação das Bibliotecas de Enfermagem - Brasil, 1975

CLASSIFICAÇÃO	NÚMERO ABSOLUTO	PERCENTAGEM
ESPECÍFICA	14	39%
SETORIAL	14	39%
CENTRAL	8	22%
TOTAL	36	100%

Ao considerar o tipo de biblioteca, deve-se ter em conta a localização da mesma e o acervo específico de enfermagem que possui. Assim é que, de modo geral, as bibliotecas centrais, bem como as setoriais, estão quase sempre localizadas nos campi universitários, enquanto as específicas existentes ainda estão em velhos prédios em centros urbanos ou em acomodações provisórias nas cidades universitárias.

Entende-se aí que nessa etapa provisória de transição de Escolas e Faculdades, antes por natureza possuidoras de prédios bem instalados e bem cuidados, com residência para alunos de Enfermagem, até a condição de Departamentos ou mesmo de um só Departamento na maioria dos casos, redundam em crise, que se espera seja passageira, em relação às perdas de patrimônio e, até certo ponto, do domínio sobre seus próprios pertences. A centralização de bibliotecas, uma concepção de alto destaque para as unidades universitárias, por sua vez, conforme o que ora se comenta, exige grandes deslocamentos de alunos e professores. Ademais a literatura de enfermagem constitui o acervo específico de menor quantidade nessas bibliotecas, e dado o pequeno número de alunos de enfermagem, são elas nessas bibliotecas os que geralmente representam o menor número de usuários.

Observa-se pela tabela XIV, que seja qual for o tipo de biblioteca, a média diária de tempo de funcionamento é de 12 horas, com um baixo coeficiente

de variação. Entretanto, a utilização dessas bibliotecas por parte dos cursos de enfermagem, é irrisória de vez que dessas 12 horas, eles efetivamente, usam 1,8 horas.

TABELA XIV - Tempo diário de funcionamento por tipo de biblioteca. 1975

TEMPO E VARIAÇÃO	ESPECIFICA	CENTRAL	SETORIAL	TOTAL
TEMPO DIÁRIO DE FUNCIONAMENTO (HORAS)	11:29 hs	13:57 hs	10:57 hs	11:56 hs
COEFICIENTE DE VARIAÇÃO	22%	18%	33%	26%

Entre as possíveis razões de ordem geral para o pouco uso das bibliotecas, distingue-se como das mais fortes, a inexistência de livro em quantidade e qualidade suficiente, mais particularmente, a inexistência de livros escritos em português. Outro fator que pode explicar o pequeno uso das bibliotecas, é a não previsão de tempo, nos programas de ensino, para busca e leitura de material bibliográfico. É sabido que, as aulas e estágios, ocupam 6 a 8 horas diárias do aluno de enfermagem incompatibilizando os horários deste com os disponíveis pelas bibliotecas. Considerando-se ainda, o tempo gasto em deslocamento dos alunos para estágio, aulas, refeições e outras atividades, aliadas à falta de instalações mais adequadas e mais definidas para a maioria dos cursos de enfermagem, respondentes ao levantamento em questão. À noite, aos sábados, domingos e feriados essas bibliotecas estão fechadas, privando o aluno de enfermagem de utilizá-las. Por outro lado, como já foi dito, o fato de quase não haver livro de enfermagem escrito em língua nacional, os alunos quase não adquirem seus próprios livros. A sobrecarga dos docentes de enfermagem com o ensino pode ser encarada como um dos fatores responsáveis pela não contribuição científica desses profissionais para aumentar a literatura de enfermagem a nível superior.

A maior ou menor utilização da biblioteca por alunos de determinado curso, é até certo ponto, uma indicação do nível de qualidade desse curso. Portanto, a pouca utilização das bibliotecas pelos alunos de enfermagem, daria uma falsa idéia da situação, não fossem as circunstâncias já consideradas. Modificar esta situação é mais um desafio para as educadoras de enfermagem.

Um exame detalhado da tabela XV reforça a idéia, de pouco uso da biblioteca quando se verifica que a média de empréstimo por hora é de 1,28, con-

sideradas todas as bibliotecas e todos os estudantes de enfermagem do país. Em se tratando de consultas por hora, a biblioteca tipo setorial, foi a que emprestou maior uso; considere-se entretanto, que as bibliotecas do tipo setorial, são freqüentadas por alunos de todos os cursos do setor saúde, e não somente por alunos de enfermagem.

Quanto à aquisição de novos títulos e livros de enfermagem por ano, as bibliotecas do tipo central são as que apresentam menor porcentagem, enquanto as bibliotecas específicas entre todas, são as que apresentam as melhores condições. Não é difícil compreender esse fato, dada a experiência anterior de Escolas de Enfermagem, com suas bibliotecas específicas, gozando de autonomia administrativo-financeira para novas aquisições, com pessoal de biblioteca diretamente ligado à administração do próprio curso. A própria Escola, por menor que ela fosse, valorizava devidamente o seu acervo bibliográfico, e mantinha muita propriedade de informação e facilidades para indicação de uso dos livros e revistas.

TABELA XV - Consultas e Empréstimos Mensais por Tipo de Biblioteca - Brasil, 1975.

CONSULTAS E EMPRÉSTIMOS	ESPECÍFICA				CENTRAL				SETORIAL				TODAS			
	TOTAL DA AMOSTRA	TOTAL DA POPULAÇÃO	NÚMERO MÉDIO	COEF. DE VARIACÃO	TOTAL DA AMOSTRA	TOTAL DA POPULAÇÃO	NÚMERO MÉDIO	COEF. DE VARIACÃO	TOTAL DA AMOSTRA	TOTAL DA POPULAÇÃO	NÚMERO MÉDIO	COEF. DE VARIACÃO	TOTAL DA AMOSTRA	TOTAL DA POPULAÇÃO	NÚMERO MÉDIO	COEFICIENTE DE VARIACÃO
	(*)	(*)	(*)	(%)	(*)	(*)	(*)	(%)	(*)	(*)	(*)	(%)	(*)	(*)	(*)	(%)
CONSULTAS MENSUAIS	8735	8735	624	139%	851	3408	426	105%	8134	17.584	1256	121%	17.720	29.727	770	134%
EMPRÉSTIMOS MENSUAIS	3921	3921	280	99%	2.796	2800	350	73%	780	6.692	478	131%	7.497	13.413	326	111%
CONSULTA POR HORA (**)	3,5	3,5	2,51	139%	3	11	1,43	105%	3,4	7,4	5,30	121%	70	120	3,03	134%
EMPRÉSTIMO POR HORA (**)	1,6	1,6	1,13	99%	9	9	1,17	73%	3	2,8	2,02	131%	29	53	1,28	111%

(*) O total da população foi estimado.

(**) Valores estimados considerado o mês com 22 (vinte e dois) dias úteis.

TABELA XVI - Percentual de Consultas e Empréstimos

PERCENTUAL E RELAÇÃO CONSULTA/ EMPRÉSTIMO	ESPECÍFICA	CENTRAL	SETORIAL	TODAS
PERCENTUAL DE CONSULTAS	29%	11%	60%	100%
PERCENTUAL DE EMPRÉSTIMOS	29%	21%	50%	100%
RELAÇÃO: CONSULTAS EMPRÉSTIMOS	2.23	1.22	2.63	2.22

TABELA XVII - Pessoal de Bibliotecas - 1975

NÚMERO ABSOLUTO E MÉDIO	ESPECÍFICA (14)						CENTRAL (8)						SETORIAL (14)					
	ADMINISTRATIVO			SERVIÇAI			ADMINISTRATIVO			SERVIÇAI			ADMINISTRATIVO			SERVIÇAI		
	Biblio- teciári	Aux. de Biblio- teciário	Pessoal de Se- rv. t.	Serve- ntes	Aten- dente	Porte- iro	Biblio- teca- rio	Aux. de Biblio- tec.	Pessoal de Se- rv. t.	Serve- ntes	Aten- dente	Porte- iro	Biblio- teci- rio	Aux. de Biblio- tec.	Pessoal de Se- rv. t.	Serve- ntes	Aten- dente	Porte- iro
NÚMERO TOTAL	10	16	5	5	2	-	19	20	18	15	-	4	21	34	10	17	-	4
NÚMERO MÉDIO	0.71	1.14	0.36	0.36	0.14	-	2.37	2.5	2.25	2.06	-	0.5	1.5	2.43	0.71	1.21	-	0.29

Quanto ao número de pessoal que trabalha em bibliotecas, as mais bem servidas tem 2.37 de bibliotecários e são as do tipo central. Entretanto, apenas 8% dos cursos utilizavam-se desse tipo de biblioteca. Ademais, são as bibliotecas que possuem maior área em m², justificando assim o maior número de funcionários.

TABELA XVIII - Área por Tipo de Biblioteca Utilizada (em m²)
Cursos de Enfermagem, 1975

ÁREAS DA BIBLIOTECA VALOR MÉDIO E COE- FICIENTES DA VARIAÇÃO		ESPECÍFICA	CENTRAL	SETORIAL
Acervo Setorial	ÁREA MÉDIA (M ²)	65.74	669.35	217.19
	COEFICIENTE DE VARIAÇÃO	101%	158%	118%
Central	ÁREA MÉDIA (M ²)	57.03	469.79	178.34
	COEFICIENTE DE VARIAÇÃO	54%	171%	93%
Biblio- teca	ÁREA MÉDIA (M ²)	119.65	1.239.11	375.93
	COEFICIENTE DE VARIAÇÃO	69%	163%	118%

Levando-se em conta a importância que a biblioteca desempenha na formação de pessoal, observa-se que a situação das bibliotecas específicas de cursos de graduação em enfermagem, mostram-se muito abaixo do desejável em área física, principalmente quando se pensa na biblioteca como um recurso didático, e nela se vê mais do que um local de guardar livros, mas se vê também um local em que se aprende o hábito de ler, e onde devem ser desenvolvidas atividades didáticas, além das leituras indicadas como referências para cada disciplina.

Com o advento das bibliotecas centrais e setoriais espera-se que o uso das mesmas pelos estudantes de enfermagem seja aumentado e que esses locais se convertam em centros de recursos institucionais de Ensino, com documentos em microfichas, aparelhos de som, material de reprografia e outros que indiquem a dinamização da biblioteca.

Segundo a opinião de muitos educadores, os recursos e serviços de bibliotecas em relação ao ensino de saúde ainda estão relativamente escassos e deficientes frente às crescentes inovações técnicas de biblioteconomia, face à necessidade de se obter informação mais imediata para pesquisa, ensino e prática profissional. Essa afirmação no que tange especificamente à Enfermagem, é, certamente verdadeira.

Sabe-se também que devido ao insuficiente número de profissionais habilitados em biblioteconomia, adicionados às dificuldades comuns de infra-estrutura material e financeira, as bibliotecas, que devem ser órgãos ativos de difusão científica e técnica, têm se caracterizado por lentidão na divulgação, distanciando-se do que seria esperado e necessário.

Pela análise dos dados sobre bibliotecas, verifica-se que, no caso específico de enfermagem, é preciso estimular o hábito de leitura, e maior uso das bibliotecas como parte essencial da formação profissional do enfermeiro.

Em publicação da UNESCO, é ressaltada a importância da contribuição da biblioteca para os serviços de educação, na formação de atitudes, desenvolvimento de hábitos e habilidades, ao prover meios e condições práticas para atender aos problemas sociais e econômicos, além de seu valor para a sociedade. Os serviços das bibliotecas deveriam ser, portanto, um investimento no desenvolvimento da pessoa e da comunidade à qual elas servem.

No Brasil, a busca de artigos específicos da área de saúde, vem sendo feita através da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), que difunde essas informações e mantém terminais de computador em algumas partes do país, com sede central em São Paulo. Mesmo esse sistema já se ressentia da falta de fornecimento de informações bibliográficas destinadas a outros setores além da Medicina para o que já vem expandindo a sua rede visando a cobertura de todo o setor saúde.

— Recursos e Técnicas de Ensino nos Cursos de Enfermagem

Verifica-se que dentre as técnicas de ensino a mais utilizada nos cursos de enfermagem é aula expositiva, seguida da discussão em grupo. A primeira delas não causa admiração, não somente por ser a mais conhecida e mais tradicional, mas também porque é absolutamente necessária ainda que se faça a sua utilização combinada com outras técnicas de ensino.

Quanto a segunda, constitui uma necessidade imperiosa porque desenvolve no aluno a capacidade de comunicação lógica indispensável no relacionamento interpessoal com pacientes e clientes, com as equipes de enfermagem e multiprofissionais, e com grupos de comunidade.

Verifica-se pela tabela **XIX** que todos os Cursos de enfermagem utilizam-se de, pelo menos, 5 (cinco) técnicas a saber: aula expositiva, ensino clínico, trabalho de campo, demonstrações, e discussão em grupo. Este fato, deve-se provavelmente à grande influência recebida pela enfermagem brasileira, das instituições de ensino de enfermagem americanas, onde a preocupação com metodologia de ensino, é incontestável. Foi grande o número de docentes enfermeiras que realizaram estudos pós-graduados nos Estados Unidos e Canadá com bolsas fornecidas por organizações como a Fundação ROCKFELLER, Fundação KELLOGG, Governo Americano (Ponto IV) e Organização Pan-Americana da Saúde, entre outras.

Em enfermagem, o ensino nos cursos de graduação, caracteriza-se predominantemente pela experiência dos alunos, adquirida nas situações de prática profissional, o que além de permitir a correlação da teoria-prática, possibilita também o embasamento para as nascentes teorias de enfermagem.

Em verdade, tradicionalmente os campos de prática, são utilizados por docentes e discentes desde o ciclo pré-profissional até o final do curso. Esta diretriz que visa a adequação de qualidade da formação do profissional, dada a escassez de campos de prática organizados do ponto de vista de ensino-aprendizagem de Enfermagem, exige dedicação especial do reduzido número de docentes-enfermeiros. que não raro, são obrigados, a permanecer na manutenção da organização de assistência desses campos, paralelamente às atividades docentes.

Vale destacar que os diferentes Serviços de Saúde que servem de campo de prática ao ensino-aprendizagem de Enfermagem, são obrigatoriamente parte do plano e estudos de todos os alunos, e é importante dizer que em enferma-

gem a oferta de oportunidade de experiências em muitos e diversos campos de prática corresponde a um princípio, no qual, acredita-se, reside não somente um mero cumprimento de atividades curriculares mas, principalmente, a condição necessária à formação de um enfermeiro com visão geral dos problemas de saúde e cômico da importância de caracterizar suas atividades em termos de polivalência.

As atividades discentes são selecionadas de acordo com o conteúdo das disciplinas de enfermagem, que constituem a quase totalidade do currículo do tronco profissional comum do curso, em termos de carga horária do aluno. Por isso o recurso prevalente nos cursos de Enfermagem, conforme se vê nas Tabelas XIX e XX é o Campo de Prática, o qual proporciona excelente oportunidade para a aplicação das técnicas de ensino, mais utilizadas pelos docentes-enfermeiros.

TABELA XIX - Recursos de Ensino Utilizados nas Disciplinas dos Cursos de Enfermagem (Nº Total de Disciplinas - 1.278, Nº Total de Cursos - 35).

Nº TOTAL, PORCENTAGEM MÉDIA, DESVIO PADRÃO, COEFICIENTE DE VARIACÃO DE DISCIPLINAS E ESCOLAS QUE UTILIZAM O RECURSO	TV	CIRCUITO FECHADO	COMPUTADOR	AUDIO VISUAIS	CAMPOS DE PRÁTICA			OUTROS CAMPOS DE PRÁTICA	BIBLIOTECA	OUTROS
					UNIDADE DE INTERNAÇÃO	AMBULATÓRIOS	POSTOS OU UNIDADES DE SAÚDE			
Nº TOTAL DE DISCIPLINAS QUE UTILIZAM O RECURSO	9		5	869	378	237	216	462	882	162
PORCENTAGEM DE UTILIZAÇÃO DO RECURSO	0%		0%	27%	12%	8%	7%	14%	27%	5%
Nº MÉDIO DE DISCIPLINAS QUE UTILIZAM O RECURSO POR ESCOLA	3		1	26	11	7	7	13	25	6
DESVIO PADRÃO DO Nº DE DISCIPLINAS QUE UTILIZAM O RECURSO POR ESCOLA	0		0,50	11,78	6,39	3,70	5,42	6,67	11,60	3,47
COEFICIENTE DE VARIACÃO DO RECURSO QUE UTILIZAM O RECURSO POR ESCOLA	0		50%	45%	58%	53%	77%	51%	46%	58%
Nº DE ESCOLAS QUE UTILIZAM O RECURSO	3		4	34	34	33	34	35	35	25
PORCENTAGEM DE ESCOLAS QUE UTILIZAM O RECURSO	9%		11%	97%	97%	94%	97%	100%	100%	71%

TABELA XX - Técnicas de Ensino Utilizadas nas Disciplinas dos cursos de Enfermagem (Nº Total de Escolas - 35), 1975

Nº TOTAL, PORCENTAGEM E MÉDIA DE DISCIPLINAS E ESCOLAS QUE UTILIZAM A TÉCNICA	AULA EXPOSITIVA	SEMINÁRIOS	PROJETOS	ENSINO CLÍNICO	TRABALHO DE CAMPO E/OU ESTÁGIOS	DEMONSTRAÇÕES	DISCUSSÃO EM GRUPOS	AUTO APRENDIZAGEM	OUTROS
Nº TOTAL DE DISCIPLINAS QUE UTILIZAM A TÉCNICA	1.135	693	74	412	905	535	833	458	164
PORCENTAGEM DA UTILIZAÇÃO DA TÉCNICA	22%	13%	2%	8%	70,8%	10%	16%	9%	3%
Nº MÉDIO DE DISCIPLINAS QUE UTILIZAM A TÉCNICA POR ESCOLA	33	21	3	12	27	16	24	15	7
Nº DE ESCOLAS QUE UTILIZAM A TÉCNICA	35	33	24	35	35	35	35	30	23
PORCENTAGEM DE ESCOLAS QUE UTILIZAM A TÉCNICA	100%	94%	69%	100%	100%	100%	100%	86%	66%

- Uma escola, das 36 (trinta e seis) respondentes do levantamento, deixou de preencher o formulário no que tange a técnicas de ensino.

— Laboratórios Utilizados pelos Cursos de Enfermagem

TABELA XXI — Valores populacionais estimados para uso de laboratórios, considerados todos os cursos de Enfermagem do Brasil - 1975.

UTILIZAÇÃO DO LABORATÓRIO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Nº TOTAL DE DISCIPLINAS QUE UTILIZAM LABORATÓRIOS	719(1)
ÁREA TOTAL DOS LABORATÓRIOS QUE AS ESCOLAS USAM (m ²)	13.334
Nº TOTAL DE TÉCNICOS DOS LABORATÓRIOS	322
Nº TOTAL DE SERVIÇOS DOS LABORATÓRIOS	204
OUTRAS PESSOAS INTEGRANTES DOS LABORATÓRIOS	567
Nº TOTAL DE LABORATÓRIOS CUJA ATIVIDADE ÚNICA É O ENSINO	89

(1) Supõe-se que uma disciplina só utiliza um laboratório.

Considerados os valores populacionais estimados para todas as Instituições de Ensino de Enfermagem do Brasil, o número total de disciplinas que utilizam laboratórios é 719; logo admitindo-se que uma disciplina não utilizasse mais de 1 (hum) laboratório, estima-se a exigência correspondente de que a área total dos laboratórios seja de 13.384 m², com uma área média por laboratório igual a 91,96 m² e que nesses laboratórios deveriam trabalhar 1.093 funcionários dos quais 322 técnicos e 771 serviços.

Diante dos dados que expressam como têm sido utilizados os laboratórios pelos cursos de Enfermagem, do total de laboratórios apontados na tabela XXII. 61% são utilizados unicamente para o ensino; 4% para pesquisa. Outros com-

binam Ensino e Serviço e Ensino-Pesquisa e serviço nas suas finalidades, perfazem do 14%

TABELA XXII - Utilização dos laboratórios - valores populacionais estimados - nos cursos de enfermagem, 1975.

NÚMEROS ABSOLUTOS E PERCENTAGEM	ENSINO	SOMENTE		ENSINO PESQUI- SA	ENSINO e SERVIÇO	PESQUISA e SERVIÇO	ENSINO PESQUISA e SERVIÇO	TOTAL
		PESQUISA	SERVIÇO					
NUMERO TOTAL DE LABORATÓRIOS	89	6	0	30	10	0	10	145
PERCENTAGEM	61%	4%	0%	21%	7%	0%	7 %	100%

Cabe citar que dos 145 laboratórios, apenas 24, são específicos do Ciclo Profissional de Enfermagem, o que indica apenas 67% dos cursos com laboratórios específicos de enfermagem, e apenas 1 (hum) para cada uma das Escolas que os possuem, fato que chama a atenção, se considerarmos as necessidades de domínio de habilidades psicomotoras requeridas do aluno em determinadas atividades de enfermagem.

TABELA XXIII - Utilização dos Laboratórios Específicos de Enfermagem, 1975.

Nºs ABSOLUTOS E PORCEN- TAGEM	SOMENTE			Ensino e Pesquisa	Ensino e Serviço	Pesquisa e Serviço	Pesquisa e Serviço
	Ensino	Pesquisa	Serviço				
N9 =21	21	0	0	2	1	0	0
%	88%	0%	0%	8.3%	3.7%	0%	0%

Esses dados podem ainda ser considerados à luz de uma corrente atual, no ensino de enfermagem que tende a diminuir a utilização de laboratórios de simulação de situações, e considerar como laboratório de enfermagem o próprio campo de prática. Tal fato, entretanto, é questionável, considerando-se que a aquisição de habilidades motoras iniciais impõe, possivelmente, dificuldades ao aluno e ao cliente, e nesse caso cabe poupar, não somente o aluno, mas principalmente os clientes, de exposições evitáveis.

Alguns acreditam que cuidar diretamente, no caso de enfermagem, de indivíduos, sem que se tenha obtido um mínimo de domínio de habilidades psicomotoras para execução de determinadas tarefas básicas, pode representar certa dificuldade na aprendizagem e mobilizar problemas de ordem ética.

Esse assunto, predominantemente vinculado a seleção de experiência de aprendizagem, requer uma análise mais profunda por parte dos docentes de cur-

sos de graduação, sobretudo, no que tange ao aspecto qualitativo de práticas apropriadas no ensino superior de enfermagem. É apontado por alguns docentes enfermeiros, que há alunos que precisam praticar intensamente a execução de técnicas em situações de simulação e há outros que delas quase não necessitam.

Outro aspecto da questão a ser considerado, diz respeito ao que pode ser entendido como uso racional dos recursos materiais em laboratórios.

A não duplicação de recursos para os mesmos fins, determinada pela Lei N° 5.540/68, ocasionou, quando da Reforma Universitária, a transferência do equipamento e material dos laboratórios de química, microbiologia e outros das Escolas e Faculdades de Enfermagem para Institutos básicos da Universidade. Deste fato se ressentem as pesquisas de enfermagem que necessitam de tais laboratórios. Por outro lado a experiência tem demonstrado que os docentes-enfermeiros encontram dificuldade em utilizar aqueles laboratórios, cuja capacidade é praticamente esgotada pelo seu uso para o ensino de todos os alunos da área de saúde e pelas pesquisas dos próprios docentes dos Institutos básicos. Para que as pesquisas biológicas em enfermagem ganhem o mesmo vulto que vem ganhando as pesquisas sociais, há necessidade de que os docentes enfermeiros utilizem os laboratórios da Universidade, inclusive os dos hospitais universitários. Consideradas as linhas de pesquisa em Enfermagem, tal como estão registradas no II PBDCT, os laboratórios que servem ao ensino-aprendizagem dos Ciclos Básicos de Enfermagem, tanto as de Enfermagem Fundamental, quanto as de Enfermagem Clínica, como também as de Metodologia de Enfermagem.

No momento em que Hospitais de Ensino estão empenhados em desenvolver a educação continuada do pessoal de enfermagem que compõe seus quadros, e, para tanto organizam laboratórios de simulações, com os recursos materiais necessários ao desenvolvimento de suas atividades talvez fosse oportuna para ambos os tipos de Instituições, as de Ensino e as de Serviço, a montagem de laboratórios ou unidades didáticas dentro dos serviços de Saúde. Essa forma de utilização mais plena desse laboratório, em termos de aprendizagem de estudantes de enfermagem e treinamento de pessoal de serviço, seria uma das formas operacionais de integração docente-assistencial de alto sentido.

TABELA XXIV — Pessoal Técnico e de Serviço Envolvido com os Laboratórios Específicos de Enfermagem, 1975.

N° DE LABORATÓRIOS	P E S S O A L	
	TOTAL	MÉDIA
15	24	1,6

Somente 18 (dezoito) instituições de ensino informaram sobre a área destinada a laboratórios de enfermagem, como se pode ver na Tabela XXV.

TABELA XXV - Área em m², dos laboratórios de Enfermagem, 1975.

Nº DE LABORATÓRIOS	Á R E A M ²	
	TOTAL	MÉDIA
18	1.115	62

Pela Tabela XXV verifica-se que a área média dos laboratórios de enfermagem é de 62 m². Considerada a área que ocupa uma unidade - paciente, composta de cama hospitalar, mesa de cabeceira e cadeira, mais o espaço necessário à mobilização de professor e alunos, depósito de roupa, reserva de material de demonstração, área de serviço, área para projeção, etc, depreende-se que a área acima citada é insuficiente mesmo para a prática de um pequeno grupo de 4 (quatro) alunos que podem ser simultaneamente supervisionados por um único docente. A área média acima citada leva a crer que, em muitas instituições de ensino, o laboratório contém uma única unidade-paciente para demonstração e que a experiência do aluno é obtida totalmente no campo de prática, o que, como foi dito acima expõe, o aluno iniciante e o paciente, a riscos evitáveis.

- Campos de Prática Para Cursos de Enfermagem

É conhecida, entre os enfermeiros, a afirmação de que a qualidade de formação do enfermeiro está ligada diretamente com a qualidade dos campos de prática que se utiliza com o aluno.

Tanto se crê nessa afirmação, que um tipo de atividade de muitos docentes enfermeiros, é a que denominam "preparo de campo de prática", relacionado diretamente com a assistência prestada ao aluno.

Entretanto, falta assegurar de algum modo a continuidade desse fato, não como vem sendo feito pela maioria dos docente-enfermeiros, mas como ato ininterrupto, espontâneo, e necessário, demonstrado por meio de um comportamento fortemente assistencial desses docentes, num sentido ético-pedagógico de que à medida em que se eleva a qualidade de assistência de enfermagem está sendo elevada a possibilidade de cada vez melhor qualidade de ensino-aprendizagem de enfermagem nesses campos de prática.

Vale dizer, que neste trabalho "Campos de Prática" e "Campos de Estágios" são utilizados independentemente, e que a palavra "estágio" na área de formação de enfermagem está também ligada diretamente à programação de atividades teórico-práticas obrigatórias curriculares previstas para as disciplinas do ciclo profissional, tal como preconizadas pelo currículo mínimo estabelecido pelo CFE (Parecer 163/72). Nesse caso, a utilização da palavra estágio em enfermagem, está sempre referida como estágio curricular obrigatório e supervisionado, e difere, até certo ponto, da definição legal de estágio, segundo Lei Nº 6.494 de 07 de dezembro de 1977.

Para os cursos de Enfermagem, os campos de prática representam muito mais do que uma oportunidade de participação direta docente-discente em situação real para o desenvolvimento de um programa de ensino. A própria natureza do ensino, implica em grande desenvolvimento dos docentes, enfermeiros e alunos na prestação de assistência; nesse caso, torna-se impossível tratar de campo de prática como algo à parte do próprio desenvolvimento curricular.

Ao contrário, os campos de prática, enquanto não forem entendidos como, os centros por excelência dos trabalhos de pesquisas educacionais e assistenciais de enfermagem, enquanto não se tomarem a principal sede do desenvolvimento curricular, enquanto não traduzirem o verdadeiro mas firme ponto de encontro profissional entre docentes-enfermeiros e enfermeiros de serviços, enquanto não estiverem habilitados em todos os horários, por docentes, discentes e pessoal do próprio serviço, será difícil imaginar que. alienado dessa realidade da práti-

ca substantiva, poder-se-á elevar qualidade de qualquer um dos dois setores, seja o de serviço, seja o de ensino, sabendo-se de antemão que esse último pode vir a ser o mais prejudicado.

Em todo o país, os cursos de enfermagem utilizam Campos de Prática, para seus estágios obrigatórios, além de hospitais, 31 (trinta e um) Centros de Saúde; quanto a outros tipos de estágio que podem significar igual importância para o desenvolvimento curricular de enfermagem, observa-se pelas Tabelas XXVII e XXVIII, que existe apenas um ensaio, muito discreto de sua utilização.

Essas tabelas reforçam o que já se vem afirmando nesse trabalho, ou seja, que os cursos de enfermagem estão com o funcionamento curricular mais voltado em atividades hospitalares, causando certo desequilíbrio às aspirações de formação de profissionais de enfermagem geral, com visão de saúde da população como um todo, e com atividades caracterizadas pela polivalência no atendimento.

TABELA XXVI — Características de Campo: Número de Hospital, de Leitos, Articulação e Categoria de Enfermagem por tipo de Instituição

TIPO DE INSTITUIÇÃO	C A R A C T E R Í S T I C A S D E C A M P O (TOTAIS)									
	Números		Articulação			Outros *		Categoria de Enfermagem		
	Instituição	Leitos	Informal	Convênio	Outros *	Enfermeiros	Técnicos de Enf.	Auxiliar de Enf.	Atendentes	
FEDERAL (F)	30	1502	9	2	19	72	4	93	284	
ESTADUAL (E)	115	8730	46	36	33	594	21	742	3.042	
MUNICIPAL (M)	20	1294	8	9	3	52	50	92	465	
PARTICULAR (P)	91	3194	44	31	16	133	19	295	1.143	
ESTADUAL UNIV. (EU)	18	1862	4	9	5	55	1	80	273	
FEDERAL UNIV. (FU)	24	1998	6	3	15	233	10	811	1.410	
PARTICULAR UNIV. (PU)	5	305	3	2	—	—	12	15	95	
PREVIDENCIAIS (MPAS)	26	2947	13	7	6	276	—	362	902	
T O T A L	329	21832	133	99	97	1415	117	2491	7.614	

- * — Não Informado
- Em Branco
- Decreto
- Remissão

A utilização de outros hospitais, que não somente os universitários conforme se vê na Tabela XXVI, já possibilita a abertura do processo ensino-aprendizagem-assistência para além da própria instituição de ensino. No entanto, em mais de 90% das cargas horárias de estágios curriculares obrigatórios, os docentes e discentes de enfermagem estão atuando em hospitais, e nesses, a grande maioria, desenvolve ações de enfoque predominantemente caracterizados como enfermagem médico-cirúrgica em Unidades de Internação.

Dáí decorre acentuada ênfase curricular que pode esboçar um enfermeiro hospitalar, de área médico-cirúrgica, voltado predominantemente para atingir com suas ações profissionais, o indivíduo já adoecido, num viés capaz de avolumar de tal sorte que venha desfigurar o enfermeiro diante do seu trabalho preventivo na comunidade. Os cursos de enfermagem desenvolvem suas atividades práticas em 329 hospitais, os quais, apresentam-se com um total de 21.832 leitos.

Diante da Tabela XXVI, os hospitais mais utilizados pelos cursos de enfermagem são os da rede estadual, 155 (cento e cinqüenta e cinco), seguidos dos particulares, 91 (noventa e um). Provavelmente, este fato decorre das condições físicas, mais favoráveis, bem como de recursos materiais e humanos, principalmente, quando existem enfermeiros no seu quadro de pessoal.

Nesse particular as Instituições de tipo Estadual, entendidas como Centros de Saúde e Hospitais, apresentam em comparação com as demais, o maior número de pessoal de enfermagem, porém um alto percentual, 52% de atendentes. Contudo, entre os tipos de Instituição utilizados pelas escolas de enfermagem, estas, apresentam o maior percentual de enfermeiros. De outro lado, os hospitais particulares têm sido utilizados com maior freqüência pelas escolas de enfermagem de subordinação administrativa e financeira de caráter particular, que, também utilizam em igual proporção, hospitais federais.

Em trabalho da Comissão de Ensino Médico, MEC/DAU, encontra-se a referência sobre Hospital Universitário como a unidade que reúne na comunidade os recursos humanos e materiais mais altamente especializados, o que implicaria em limitar as experiências de aprendizagem, dificultando o ajustamento dos estudantes quando já profissionais, à realidade das demais instituições de assistência. Por essa razão, é válida a iniciativa das escolas de enfermagem quando buscam outras Instituições além das Universitárias, que oferecem outras oportunidades de aprendizagem aos alunos. O mesmo trabalho, refere que é encontrada certa resistência por parte dos hospitais disponíveis para a assistência no que diz respeito a serem utilizados como hospitais de ensino para a medicina. Esse fato é verdadeiro, possivelmente para o ensino de estudantes de outros grupos da área de Saúde; entretanto, em relação às escolas de enfermagem, mesmo consideradas as naturais dificuldades em termos da área física como vestiários, alimentação, bibliotecas, salas para ensino programado ou reuniões, ainda assim há um reconhecido interesse

Tabela XXVII – Características de Campos de Prática (%)

TIPO DE INSTITUIÇÃO	C A R A C T E R Í S T I C A S D E C A M P O (PERCENTUAIS)										
	Números		Articulação			Outros		Enfermeiros		Categoria de Enfermagem	
	Hospitais	Leitos	Informal	Convênio	Outros	Enfermeiros	Técnic. de Enf.	Aux. de Enf.	Atendentes		
FEDERAL (F)	9%	7%	7%	2%	19,5%	5%	3%	4%	4%		
ESTADUAL (E)	35%	40%	34,5%	37%	34%	39%	18%	30%	52%		
MUNICIPAL (M)	6%	6%	6%	9%	3%	4%	43%	4%	8%		
PARTICULAR (P)	28%	14,5%	3,3%	31%	16,5%	10%	16%	12%	21%		
ESTADUAL UNIV. (EU)	5,5%	8,5%	3%	9%	5%	5%	1%	1%	4%		
FEDERAL UNIV. (FU)	7%	9%	4,5%	3%	15,5%	17%	9%	33%	11%		
PARTICULAR UNIV. (PU)	1,5%	1,5%	2%	2%	—	—	10%	—	2%		
PREVIDENCIAIS (MPAS)	8%	13,5%	10%	7%	6,5%	20%	—	15%	8%		
T O T A L	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%		

TABELA XXVIII - Outras Instituições usadas como Campos de Estágio pelos Cursos de Enfermagem - Brasil, 1975 (*)

TIPO DE INSTITUIÇÃO	TOTAL
Grupo Escolar	2
Centro de Saúde	31
Dispensário de Tuberculose	1
Unidade Sanitária (Dermatologia)	1
Serv. Méd. Preventiva Urbano	1
CRUTAC	2
CRUTAC-FUNRURAL	1
Amparo Maternal	1
Sanatórios	2
Postos INPS	2
Serv. Esp. de Saúde Pública	1
Localidades do Interior do Estado	1
Creches	2
Centro Comunitário U.L.	1
Ambulatórios H. Clínicas	2
Parque Infantil	1
Clínica Infantil	1
Berçário LBA	1
Prefeitura Municipal	1
TOTAL	85

(*) Transcrito tal como consta no formulário de cada Instituição de Ensino de Enfermagem.

por parte das instituições de assistência em articular-se com os cursos de enfermagem pará fins assistenciais e didáticos. A tradição do compromisso de prestar serviços com a qualidade da melhor assistência de enfermagem, acrescida do interesse e disponibilidade por parte dos docentes enfermeiros para treinar o pessoal de enfermagem dessas instituições, possivelmente têm contribuído para manter esse interesse pela presença dessas Escolas nessas Instituições de Saúde.

No passado, duas situações eram prevalentes: ou a Diretora da Escola de Enfermagem era, também, a Diretora do Serviço de Enfermagem do campo de prática dos alunos e as docentes enfermeiras atuavam como enfermeiras chefes dos mesmos; ou, o que era mais comum, a Diretora do Serviço de Enfermagem dos campos de prática, ou seja, dos hospitais que mantinham Escola de Enfermagem, era a Diretora da Escola; neste caso, o ensino teórico era ministrado por umas poucas pessoas de fora e a prática das alunas era de inteira responsabilidade das enfermeiras chefes.

A vivência dessas "professoras" e dos alunos dos problemas reais do campo era altamente proveitosa para o ensino. Por outro lado, como as enfermeiras de campo eram, em sua quase totalidade, obrigadas a dedicar grande parte de seu tempo a funções administrativas ligadas à assistência do paciente, funções essas que são absorventes, o ensino ficava prejudicado. Além disso, o cansaço físico e o "stress" mental ocasionado por uma jornada de 8 (oito) horas de trabalho intenso e sem tréguas, não eram conducentes aos estudos e às pesquisas.

Nesse sistema acontecia também que os alunos freqüentemente eram utilizados como mão-de-obra barata para os Serviços, em prejuízo do ensino.

A reação contra esse estado de coisas mais o fato de o curso de enfermagem, a partir da década de 40, ter sido admitido na Universidade, levaram a educação de enfermagem a uma situação diametralmente oposta, de separação total entre o pessoal docente e o de serviço.

Os inconvenientes desta nova situação saltam à vista, não só por que o docente de enfermagem deixou de ter aquela vivência dos problemas de campo a que acima nos referimos, como, e principalmente, porque não têm autoridade sobre as condições desse campo que, não raro, são entendidas como antipedagógicas.

A chamada "integração docente-assistencial" é uma das tentativas muito válidas de solucionar essa situação.

PARTE II:

PADRÃO DE CURSO DE ENFERMAGEM: Esboço da Situação em 1975

Diante dos dados obtidos, o esboço da situação dos cursos traduz um quadro que pode ser chamado de "Padrão de Curso de Enfermagem em 1975". Entende-se que este padrão é o perfil médio dos Cursos de Enfermagem existentes em 1975, conseqüentemente não deve ser entendido como um modelo ou referência ideal. Para que assim fosse considerado, seria necessário que todos os cursos, até essa data, pudessem ser considerados satisfatórios.

Ressalta-se o fato de que nos dados a seguir estarão registradas as informações que constituem o padrão de curso de enfermagem em 1975, sendo os números, as médias simples das variáveis em todos os cursos de enfermagem. Este padrão é útil pois permite analisar mais facilmente a situação real dos cursos de enfermagem no Brasil em 1975, segundo diversos aspectos tais como:

1. Características físicas, administrativas e pedagógicas dos cursos de enfermagem disponíveis;
2. Características reais das escolas de enfermagem, pessoal docente e docente;
3. Técnicas e recursos de ensino;
4. Características de laboratório;

As variáveis de cada aspecto acima citado podem ser analisadas separadamente. Assim, pode-se saber se os cursos de enfermagem satisfazem os mínimos teóricos pré-estabelecidos, por exemplo, em relação ao número médio de professores com doutoramento nas Escolas de Enfermagem. Verifica-se então no quadro XXXVI que estes são em número de 2 (dois), o que revela uma necessidade de se acelerar o processo de capacitação de docentes de enfermagem.

A situação padrão em 1975, quando examinada detalhadamente indica alguns poucos aspectos que podem ser considerados como condições favoráveis ao desejável crescente desenvolvimento do ensino de enfermagem, quando se tem em conta determinados números que significam pontos críticos e precisam ser.

vistos tanto pelo esforço da própria classe de enfermeiros que atuam na área de formação, como pela análise profunda de órgãos responsáveis pela educação de enfermagem.

Para a determinação de um modelo de Curso de Enfermagem deverá ser feito o perfil médio dos Cursos de Enfermagem reconhecidos como satisfatórios, sendo os critérios que assim os define "puramente subjetivos". Uma vez determinado o modelo de Cursos de Enfermagem verifica-se se os outros cursos existentes ou cursos a serem criados estão "próximos" ou não do "Curso Modelo". O critério de proximidade deve também ser especificado. Para realizar um tratamento estatístico com o objetivo de detectar que cursos estão próximos ou não do modelo de curso de enfermagem, trata-se cada curso de enfermagem como uma variável multidimensional, onde suas componentes são níveis de qualidade altamente correlacionados com os critérios utilizados na definição de Curso satisfatório e com o procedimento denominado "Cluster Analysis". Por exemplo: número de alunos inscritos por professor. Pode-se dessa forma determinar que Cursos de Enfermagem satisfazem os critérios citados, isto é, que cursos estão "próximos" do Curso Modelo de Enfermagem.

As Tabelas a seguir (Tabelas XXIX a XXXIV revelam o padrão de Curso de Enfermagem em 1975, ano base do levantamento de que trata este trabalho. Os dados obtidos foram retirados do formulário que se encontra anexado ao presente estudo. (Anexo 2)

TABELA XXIX - Padrão de Cursos de Enfermagem
(Esboço da Situação em 1975)

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS, ADMINISTRATIVAS E PEDAGÓGICAS

Nº de Salas de Coordenação para escola, em 1975		6
N . de almoxarifados para escola, em 1975		1
Área para estudantes, por escola. 1975		205m ²
Capacidade mx. de salas de aulas para alunos (incluídos dos laboratórios), da escola, em 1975		367m ²
Pessoal da Escola, em 1975	Administrativo	8
	Serviço	8
Nº médio de inscrições de professores	P/ Depart.	7
	P/ Discipl.	2
Nº médio de inscrições de alunos	P/ Depart.	339
	P/ Discipl.	46
Nº de Departamentos envolvidos		5
Nº de disciplinas da escola, em 1975		36
Carga horária por disciplina		92
Carga horária por departamento		603
Carga horária da escola, em 1975		3376
Nº de inscrições de professores		65
Nº de inscrições de alunos na escola		1697
Nº de alunos inscritos por professor		26

TABELA XXX - Padrão de Curso de Enfermagem
(Esboço da Situação em 1975)
BIBLIOTECA

Pessoal na biblioteca	Administrativo	4,53
	de Serviço	1,31
Tempo diário de funcionamento da Biblioteca		11,6 hs.
Área do acervo		233m ²
Área de leitura		239m ²
N . de consultas mensais		624
Nº de empréstimos mensais		280
Consultas por hora		3,03
Empréstimos por hora		1,28
Relação: empréstimo/consulta		0,42
Títulos recebidos por ano		7,4
Títulos assinados por ano		12
Títulos e total de periódicos		62,2
Total de livros - Títulos		1027
Total de livros • Volumes		2290
Verba recebida pela Biblioteca em 1975		Cr\$ 59.320,00
Acréscimo de volumes em 1974		231
Acréscimo de títulos em 1974		99
Acréscimo de volumes em 1975		371
Acréscimo de títulos em 1975		151

TABELA XXXI- Padrão de Curso de Enfermagem
(Esboço da Situação em 1975)

PESSOAL DISCENTE E DOCENTE

Nº de matrículas na Escola, em 1975		214
Nº de matrículas iniciais por 100 formandos em 1975		259
Nº de formandos em 1975, na escola, em Enfo. Geral		29
Número de formandos por 100 matriculados na Escola		13
Nº de formandos na Escola por habilitação, de 1966 a 1975	Licenciatura	13
	S. Pública	58
	Obstetria	17
	Med. Cir.	14
Nº de formandos em Enfo. Geral, de 1966 a 1975		167
Nº total de formandos em todos os Cursos de 1966 a 1975		269
Nº de formandos em 1975, por habilitação na Escola	Licenciatura	3
	Es. Pública	7
	E. Obstetria	4
	E. Med. Cir.	7
	Total	21
Nº total, de formandos, por inscrições de professores na Escola, em 1975		0,75
Nº de professores na Escola, em 1975 por categoria	Titulares	7
	Adjuntos	3
	Assistentes	10
	A. Ensino	11
	Horistas	2
	Outros	5
Total		38
Nº de professores na Escola, em 1975 por regime de trabalho	48 horas	1
	40 horas	9
	24 horas	6
	20 horas	3
	12 horas	2
	Outros	16
Nº de professores na Escola, em 1975 por qualificação	Somente Graduados	8
	Habilitados	3
	Pós Grad. (S/tese)	12
	Mestres	2
	Doutor	2
	Livre Docente	1
	Outros	10

TABELA XXXII - Padrão de Curso de Enfermagem
(Esboço da Situação em 1975)

PESSOAL DISCENTE

Número de Vagas por 100 inscritos em 1975 no Curso de Graduação da Escola		17,1
Número de Inscritos no Vestibular de 1975 do Curso de Graduação da Escola (Enfo. Geral)		34,0
Número de Vagas oferecidas no Curso de Graduação da Escola, em 1975 (Enfo. Geral)		58,00
Número de Matriculados inicialmente no Curso de Graduação, em 1975		74,00
Percentual de Reprovação ou desistência no ato de Matrícula, em 1975		22%
Percentual de Incremento em relação a 1974	Vagas	10%
	Inscritos	48%
	Matriculas	26%
	Formandos	8%

TABELA XXXIII - Padrão de Curso de Enfermagem
(Esboço da Situação em 1975)

TÉCNICAS E RECURSOS DE ENSINO

Nº de disciplinas que utilizam o recurso, na escola, em 1975	TV (CF.)	0
	Computador	0
	Audio Visuais	22
	C. Prática	13
	Unid. Internação	11
	Ambulatórios	6%
	Comunidade	6%
	Biblioteca	24
Outros	5	
Porcentagem de utilização dos recursos, pela escola, em 1975	TV (CF.)	0%
	Computador	0%
	Audio Visuais	28%
	C. Prática	14%
	Unid. Internações	12%
	Ambulatórios	7%
	Comunidade	7%
	Biblioteca	27%
Outros	5%	
Nº de disciplinas que utilizam a técnica, na Escola, em 1975	A. Expositivas	32
	Seminários	20
	Projetos	2
	E. Clínicas	12
	T. Campo	14
	Demonstração	15
	D. em Grupos	24
	Auto aprendizagem	13
	Estágios	12
Outros	5	
Porcentagem de utilização das técnicas, na Escola, em 1975	A. Expositivas	21%
	Seminários	13%
	Projetos	1%
	E. Clínico	8%
	T. Campo	9%
	Demonstração	10%
	D. em Grupos	16%
	Auto aprendizagem	10%
	Estágios	8%
Outros	4%	

TABELA XXXIV - Padrão de Curso de Enfermagem
(Esboço da Situação em 1975)

CARACTERÍSTICAS DE LABORATÓRIO

Área do laboratório específico de enfermagem		62m ²
Pessoal técnico e de serviço no laboratório de enfermagem		160
Área do laboratório envolvido em enfermagem		92m ²
Pessoal técnico do laboratório envolvido em enfermagem		222
Pessoal de serviço do laboratório envolvido em enfermagem		141
Outras pessoas do laboratório envolvido em enfermagem		391
Nº de disciplinas que usam o Lab.		496
Nº de laboratórios que a escola usa		439
Percentual das áreas dos laboratórios que são de enfermagem		67%
Utilização dos laboratórios envolvidos em enfermagem	somente ensino	61%
	somente pesquisa	4%
	Ensino e pesquisa	21%
	Ensino e serviço	7%
Utilização dos laboratórios específicos de enfermagem	Ens./Pesq./serv.	7%
	Somente Ensino	88%
	Ensino e pesquisa	8.3%
	Ensino e serviço	3.7%

ALGUMAS CONCLUSÕES:

Essa abordagem preliminar aos problemas na área de formação de enfermeiros já evidencia o quanto ainda se tem a fazer nesse setor de formação profissional.

Dentre os pontos críticos levantados, em resumo, há aspectos bastante limitadores dos pontos de vista de recursos humanos e materiais para a expansão do ensino superior de enfermagem. O fato de levantar esse problema já indica, por si só, a exigência de atenção para a consolidação dos aspectos quantitativos e qualitativos dos cursos ora existentes, tendo em vista a necessidade imperiosa de aumento do número de oferta de vagas e do estímulo à procura de profissão. As Instituições de Ensino Superior às quais pertencem os atuais cursos de Enfermagem precisam atentar para as colocações de necessidades de saúde da população e fazerem valer todas as suas capacidades para a formação de enfermeiros em nosso país, voltados para essas necessidades.

Por sua vez o posicionamento mais evidente dos Departamentos e/ou Cursos de Enfermagem precisa ser feito, numa visão de direitos iguais com seus pares, nas IES a que pertencem. Muitos dos aspectos aparentemente negativos podem ser transformados, caso esse posicionamento venha a ser tomado pelos docentes-enfermeiros.

Uma visão mais dimensionada e abrangente, do que é e do que não é enfermagem, pode estar calcada nos conceitos de saúde e de níveis de assistência à saúde da população. Nesse ângulo da questão, a formação do enfermeiro deverá estar voltada para uma visão pluralista de atendimento, a qual inclua aspectos diferenciados de cobertura de saúde, indo desde o mais elementar cuidado do indivíduo sadio no seu grupo primário, na escola e/ou na comunidade, até o mais complexo e sofisticado cuidado ao indivíduo adoecido e hospitalizado. De qualquer forma, o direcionamento estará levado pelo assumir de papel educativo às comunidades, desenvolvendo os enfermeiros, programas de ensino, que atinjam cada vez mais elevados níveis de auto-cuidado dos indivíduos e seus grupos em relação ao crescimento do nível de saúde.

O único caminho capaz de apoiar essas colocações será a ajuda em termos de estímulo ao desenvolvimento da profissão através de aberturas dos Serviços, pela oferta do mercado de trabalho para enfermeiros, pois somente a demonstração de competência junto à comunidade poderá permitir que, surja espon-

taneamente da prática, a imagem do enfermeiro que é conhecida até o momento, pelos próprios enfermeiros, mas sufocada diante de uma prática que não oportuniza e às vezes contraria os conceitos teóricos de enfermagem. Espera-se que a partir desse trabalho, haja uma profunda reflexão em todos que podem influenciar no desenvolvimento dessa área de formação, a uma ação de apoio irrestrito às inovações, que certamente estão faltando ocorrer no grupo profissional de enfermagem.

Por outro lado, toda a construção da profissão, vem sendo feita sob a característica de alto senso de responsabilidade científica e social, desde que neste país se instalou a primeira das escolas, em seguida a primeira das associações de classe e foi editada a primeira revista científica, como órgão oficial da primeira associação de classe, nos anos 20.

Grandes e importantes fatos de relevância social e científica estão ligados aos trabalhos de enfermeiros no Brasil. A repercussão é sempre mais surda e a discreção esteve sempre acima das divulgações das realizações da classe.

Se em 1974, quantitativamente, foi apontada a lentidão do desenvolvimento do enfermeiro como carreira universitária, qualitativamente, em profundidade, a sua contribuição nunca faltou. Em verdade, pode vir a ser cada vez maior, quando consideradas as possibilidades desse grupo profissional nos dias atuais.

Hoje, em 1977, essa alegação quantitativa relativa a Cursos já não se toma possível. O crescimento que se chegou com os cursos de graduação em Enfermagem, atinge um número razoável desses cursos, (Anexo 3). Resta agora a continuidade de empenho para aumento gradativo de vagas nos cursos já implantados, a partir de uma perspectiva de simultâneo aumento de qualidade dos mesmos.

A partida está feita com a criação dos cursos novos. A demonstração de manter a qualidade, sempre foi característica dos que até aqui têm se dedicado à formação de enfermeiros. Ficam os desafios, primeiro o de crescimento, agora para cada um dos cursos, em termos de mobilizar o aumento de condições para o desenvolvimento tanto da capacidade de oferta de vagas como para a qualificação docente e materiais instrucionais que representem a atualização das instituições e traduzam o mais alto conceito de ensino de enfermagem no país.

Um segundo desafio aos discentes-enfermeiros é o que se apresenta como "ensino e realidade de campos de prática". A amplitude de conceito de saúde e as reais necessidades da população, já permitem a limitação do ensino de enfermagem apenas em campos hospitalares. Urge o repensar desse assunto referindo tanto os papéis do enfermeiro diante das exigências atuais de Saúde das Comunidades, como os diferentes níveis de assistência à população, de acordo com o sistema de saúde vigente, tendo em vista os diferentes graus de complexidade dessa assistência.

As perspectivas são excelentes, desde que o grupo de enfermagem repense suas funções nesses diferentes níveis de assistência e estabeleça, para o seu desenvolvimento, metas e objetivos realísticos diante dos compromissos profissionais com a população.

BIBLIOGRAFIA

1. ACUNÃ, D.R. - "La comunidade y el Desarrollo de los Servicios Primários de Salud Educación Medica Y Salud.
2. ADAMI, N.P. - "Problemas de Saúde Pública no Brasil e Implicações para a Enfermagem de Saúde Pública" - Revista Gaúcha de Enfermagem - Porto Alegre 1(4)249-263,- 1977.
3. AIKEN, L.H. - "Primary Care: The Challenge for Nursing" American Journal of nursing, nov., pág. 1927 - 1832.
4. ALCÂNTARA, Glete - "Enfermagem Moderna como Categoria Profissional: Obstáculos a sua Expansão na Sociedade Brasileira". Ribeirão Preto SP- 1963.
5. AMADOR, M.V. - "Uma Filosofia de Enfermagem Será Possível" Enf. Novas Dimensões, 1 (1): 47-50- 1975.
6. AZEVEDO, G.V.F. - "Aprendizagem, Segundo PIAGET" - Anais do XXIX CBEEn- 1977.
7. BIASOTTI, M.M.D.R. - "Estudo de Viabilidade para Implantação de uma rede de bibliotecas na Região Sul - 1ª Jornada Sul Brasileira de Extensão Universitária - Santa Maria - RS - 1976.
8. CARVALHO, A.C. - "Orientação e Ensino de Estudantes de Enfermagem no Campo Clínico" - USP - 1972.
9. CASAS, M.E. et alli - "Posicion del Grupo de Enfermeiras Participantes en la TV reunion del Grupo de Estudio sobre Integracion de la Ensenanza en Salud Materno-Infantil Y Reproducion Humana en las Escuelas de Ciências de la Salud.

10. CIANCIARULLO, I.T. - "Histórico de Enfermagem e Histórias Clínicas Convencionais e Auto-Administrativas" - Enf. Novas Dimensões, 2 (6): 321-326- 1976.
11. CUNHA, C. - "Recursos Humanos na Área de Enfermagem. Capacidade do Sistema Formador" - Abordagem Preliminar mimeografado DAU/MEC/GSS-Brasília- 1976.
12. DEWEY, J. - "Experiência e Educação" - Atualidades Pedagógicas; 2ª Ed. São Paulo - Companhia Ed. Nacional - 1976.
13. GUSDORF, G. - "Professores para que ? Tradução de JOÃO BERNARD DA COSTA e ANTÔNIO R. ROSA MORAES - Editoras Lisboa - 1963.
14. HORTA, W. de A. - "Da necessidade de conceituar Enfermagem". Enf. Novas Dimensões, 1 (1): 5-7- 1975.
15. — "Processo de Enfermagem, Fundamentação e Aplicação" Enf. Novas Dimensões, 1(1): 01-16 - 1975.
16. LANDSHEERE, V. - "Definir os objetivos da Educação". Portugal ed. Lurana Martins Fontes - 1977.
17. LOURO, FPP.. e LOURO, G.M. - "Ensino Integrado Meios Instrucionais UFRGS - Faculdade de Odontologia - 1977 - Documento mimeografado.
18. MC DERMIT, M.T. - "Análisis conceptual de la Enfermeira - 1971.
19. MARQUES, J.C. - "Inovações no Ensino Superior. A Monitoria nos processos de implantação - Brasília — 1977 — Documento mimeografado.
20. MEC/DAU - "Ensino Superior, Evolução e Distribuição da capacidade de atendimento da demanda. Boletim de Informe Técnico, Nº 4, nov. 1977.
21. MEC/DAU/CAPES - "Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Brasília 1977.
22. MEC/DAU/GSS - "Estudo sobre Formação e Utilização de Recursos Humanos na Área da Saúde" - Brasília - 1976.

23. MEC/DAU/GSS - "Documento Preliminar sobre a Situação de Enfermagem no País". Documento Mimeografado - Brasília, 1976.
24. Organização Panamericana de Saúde - "Plan Decenal de Salud para las Américas". Documento Oficial 118 - Washington DC - 19-13.
25. PARRA, N. - "Ensino Individualizado - Programas e Materiais" São Paulo, Saraiva- 1978.
26. RIKER, L. - "As Habilitações de Enfermagem no Mercado de Trabalho na Cidade do Rio de Janeiro. Tese Mestrado, UFRJ - 1976.
27. SAYES, M.A. - "Coordenações Numéricas entre Médicos e Outros Profissionais de Nível Superior" Escola Nacional de Saúde Pública - MS - 1976.
28. SOUSA, EF., et. alli - "Estudo Sobre o Problema da Lotação de Pessoal Docente de Enfermagem da UFRJ, ABEn - 1977.
29. SOUZA, G.A. - "Objetivos Operacionais e Eficiência da Aprendizagem" - Revista de Saúde Pública - São Paulo. 11:157-169- 1977.
30. SOUSA, EM. - "Sentido e Componentes do Ensino Universitário Atual". UFPe- 1977.
31. - "Ensino Superior: a Qualidade Ameaçada ? UFPe, - 1976.
32. - "Universidade e Desenvolvimento" - O Currículo latente na Formação do Universitário - Londrina - 1977.

ANEXO Nº 1

DIAGNÓSTICO DOS CURSOS DE ENFERMAGEM NO BRASIL ANO - 1975

Trabalho elaborado por um grupo de 03 (três) docentes-enfermeiras; da USP - Profa. MARIA ROSA DE SOUZA PINHEIRO, da UFRJ - Profa. MARIA DOLORES LINS DE ANDRADE, e da UFPe Profa. MARIA NILDA DE ANDRADE. O referido grupo foi convocado pelo Departamento de Assuntos Universitários - MEC - pelas Portarias de N^os 134/75,138/75 e 149/75.

SITUAÇÃO DE ENFERMAGEM - 1975 (*)

O Grupo de Trabalho designado pelas Portarias nº 134/75, 138/75 e 149/75 do Sr. Diretor Geral do Departamento de Assuntos Universitários para prestar assessoramento no diagnóstico sobre cursos de enfermagem, reunido nos dias 12, 13 e 14 do mês de março de 1975, na sala de reuniões do Departamento de Assuntos Universitários (7º andar MEC), a partir do roteiro estabelecido sob a orientação de Dr. LYNALDO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, com a assessoria de Dr. CELIO DA CUNHA, elaborou o presente documento:

1. CONSIDERANDO QUE:

1.1. no Brasil, o número de enfermeiros é absolutamente insuficiente para as necessidades da população, asserção esta comprovada pelos seguintes dados:

- O Plano Decenal de Saúde para as Américas (1) propõe a existência de 4,5 enfermeiros por 10.000 habitantes, o que daria, para os 125 milhões de habitantes estimados para 1980, no Brasil, 56.250 enfermeiros. De acordo com trabalho apresentado ao Ministro da Educação e Cultura, pela Comissão de Especialistas em Ensino de Enfermagem (2) constituída pelo mesmo Ministério em 1964, revisto por este Grupo de Trabalho, a continuar o ritmo de crescimento de formados em curso superior de enfermagem, a estimativa para 1980 é de aproximadamente 17.650 enfermeiros, o que significa um "déficit" de **38.600**, portanto de mais de 200%;
- de 1950 a 1973, a enfermagem foi uma das profissões que menos cresceram no País, conforme dados do Serviço de Estatística do MEC.
- de acordo com publicação do Ministério da Saúde, havia, em 1970 (1), um enfermeiro pará 6,7 médicos, quando, nos países mais desenvolvidos, a situação é inversa, isto é, há 6 enfermeiros para um médico (3), e que esta situação tende a agravar-se, pois, em 1974, a relação estudante de enfermagem - estudante de medicina era de 1:8 (4).

(*) Documento elaborado em 1975, por solicitação do DAU/MEC, pelas docentes-enfermeiras: Maria Rosa de Souza Pinheiro (USP), Maria Dolores Lins de Andrade (UFRJ), e Maria Nilda Andrade (UFPe).

- 1.2 Inexistem cursos de enfermagem em regiões prioritárias para o desenvolvimento nacional;
- 1.3 somente um terço dos cursos de enfermagem existentes no País é mantido pelo Governo Federal.

RECOMENDA

1. Que seja aumentada a participação federal no ensino de enfermagem por meio de:
 - 1.1 aumento do número de vagas nas escolas de enfermagem federais existentes, que têm potencial e demanda;
 - 1.2 criação de escola de enfermagem nas universidades federais que não contam com instituição desse tipo ou, se for conveniente para as duas partes, absorção, pela Universidade, de escola já existente na região;
 - 1.3 criação de escola de enfermagem nos distritos geo-educacionais ainda não servidos.

2. CONSIDERANDO QUE:

- 2.1. Segundo pesquisa feita em um hospital de ensino (5), a enfermeira é o profissional que coordena as atividades de assistência ao paciente;
- 2.2 de acordo com a experiência brasileira, a enfermagem desempenha papel relevante e indispensável nos serviços de saúde oferecidos à comunidade, inclusive servindo de elemento de integração de ambos;
- 2.3 para incrementar a formação de enfermeiros há necessidade de melhorar estrutura física, (instalações, equipamentos); recursos humanos (pessoal docente, administrativo) e financeiros.

RECOMENDA

2. Que o MEC/DAU adote uma política de melhoria do pessoal envolvido no ensino de enfermagem, por meio de:
 - 2.1 criação de pelo menos mais dois cursos de Mestrado em escolas de enfermagem, de Universidades Federais, um no Nordeste e um no Sul;
 - 2.2 criação e manutenção de cursos regulares de especialização e aperfeiçoamento, a serem oferecidos em períodos de férias. Para este fim o MEC/DAU deverá fazer levantamento dos recursos humanos disponíveis nas escolas, suplementando-os se necessário;
 - 2.3 apoio e estímulo a escolas de enfermagem para que ofereçam estágio de especialização a docentes de enfermagem.

3. CONSIDERANDO QUE:

- 3.1 há necessidade de encarar a enfermagem no contexto geral das profissões da área da saúde, em todos os seus níveis;
- 3.2 a complexidade dos problemas da formação da enfermeira exige continuidade de ação por parte do Ministério da Educação e Cultura.

RECOMENDA

3. Ação conjunta dos órgãos e grupos envolvidos na problemática de saúde, de modo a obter-se uma visão global da enfermagem e de suas funções nos serviços de saúde.

4. CONSIDERANDO QUE :

- 4.1 o projeto existente de carreiras de curta duração, que vem sendo executado pelo DAU, pode oferecer alternativas para a racionalização do trabalho da enfermeira.
- 4.1 Estudos visando criação de cursos de curta duração para "gerentes de Unidade de Enfermagem", com o objetivo de aliviar de algumas tarefas administrativas as enfermeiras chefes, a fim de que as mesmas possam dedicar-se com mais intensidade à assistência direta ao paciente.
- 4.2 Que, de acordo com as diretrizes básicas do projeto de carreiras curtas do DAU/MEC, especialistas em enfermagem estudem a possibilidade de formar tecnólogos, para atuar, em áreas determinadas, na execução de tarefas que levam hoje à subutilização da profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. Oficina Sanitária Panamericana. Oficina Regional de la ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Plan Decenal de Salud para las Américas. Informe final de la III Reunion Especial de Ministros de Salud de las Américas. 1973.
2. MEC - DESU - CEEENFERMAGEM. Subsídio para o Plano Decenal, referente ao desenvolvimento da Enfermagem. Documento nº 3. 1964.
3. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Prévia análise de mão de obra do Setor Saúde Organizado. 1970
4. Dados do Serviço de Estatística de Educação e Cultura do MEC.
5. RIBEIRO DE OLIVEIRA. M.I. A enfermeira como coordenadora da assistência ao paciente. Tese de Doutorado. 1972.

ANEXO Nº 2

FORMULÁRIO UTILIZADO NA
COLETA DE DADOS SOBRE
ENSINO DE ENFERMAGEM

ANEXO: 2 - Formulários • Guia de Preenchimento

Serviço Público Federal Ministério da Educação e Cultura Departamento de Assuntos Universitários		Formulário a ser preenchido pelas instituições de ensino de enfermagem para o grupo de especialistas do ensino de enfermagem		
01 - Identificação				
01	Denominação da mantenedora		02	Sigla
03	Endereço		04	Município
			05	Est.
			06	Fone
02 - Dados sobre a instituição				
01	Nome da instituição		02	Sigla
03	Endereço		04	Município
			05	CEP
			06	Est.
07	Subordinação Administrativa e Financeira		08	Fone
09	Diretor, Coordenador e/ou Chefe de Departamento		10	Mandato: início e término
Autorização (a) e Reconhecimento (r)				
11	Nome dos cursos de graduação		12	Início func. dos cursos
			13	R/A
			14	Ato do Cons. Universit.
			15	Cons. de Educ. comp.
			Parecer	
			16	Número
			17	Data
			Decreto	
			18	Número
			19	Data
20 Espaço reservado para observações				

04 - FACILIDADE PARA O ENSINO
INSTALAÇÕES DA UNIDADE

01 - Área administrativa		02 - Áreas para o ensino	
(número de salas)			
Direção		• Salas de aula	
Secretaria		Grandes grupos	
Seção de alunos		Pequenos grupos	
Almoxarifado			
Área para estudantes			
Outros (especificar)			
.....			
.....			
.....			
03 - Pessoal administrativo (número)			
Cargos			
Secretárias	_____		
Agentes Administrativos	_____		
Serventes	_____		
Outros (especificar)	_____		
Observações			

07 – PLANO DE ENSINO – METODOLOGIA DO ENSINO DE CADA DISCIPLINA

importante – Este formulário deve ser preenchido e subscrito pelo chefe do departamento a que pertence a disciplina

01 Departamento		02 Disciplina			03 Código		
04 Carga horária	05 Série	06 Semestre	07 Nº de alunos		08 Módulo		
			1º sem.	2º sem.	T	E	P
			09 Turno			10 Nº de professores	
11 Bibliografia recomendada (máximo 5 indicações)							
12 Metodologia adotada							
13 Técnica de ensino		14 Recursos de ensino					
<input type="checkbox"/> Aula expositiva		<input type="checkbox"/> TV circuito fechado					
<input type="checkbox"/> Seminários		<input type="checkbox"/> Computador					
<input type="checkbox"/> Projetos		<input type="checkbox"/> Audiovisuais					
<input type="checkbox"/> Ensino clínico		<input type="checkbox"/> Campos de prática					
<input type="checkbox"/> Trabalho de campo		<input type="checkbox"/> Unidades de internação					
<input type="checkbox"/> Demonstrações		<input type="checkbox"/> Ambulatórios					
<input type="checkbox"/> Discussão em grupo		<input type="checkbox"/> Comunidade					
<input type="checkbox"/> Auto-aprendizado		<input type="checkbox"/> Biblioteca					
<input type="checkbox"/> Estágios		<input type="checkbox"/> Outros (especificar)					
<input type="checkbox"/> Outras (especificar)							
15 Características do campo utilizado para o ensino							
16 Instituição			17 Setor utilizado			18 Articulação	
Nome	Class.	chefe serv. enf.	Nº Leitos	Demanda	Cat. enf.	Quant.	Escola/serviço
19 Espaço reservado para observações							

10 - ASPECTOS FINANCEIROS (deve ser preenchido pela instituição)		
EXERCÍCIO DE 1975		
01	Receita própria	Receita (Cr\$ 1.000,00)
		Prevista
	Anuidades	Arrecadada
	Taxas e contribuições	
02	Transferências	
		Contribuições governamentais
		Contribuições particulares
		Contribuição mantenedora
	Bolsas de estudos	
03	Receita de serviços prestados	
		De pesquisas
		De extensão
		Outros serviços
	total	
04	Despesas de manutenção	07 Despesas (Cr\$ 1.000,00)
		Salários docentes
		Salários administração
		Salários técnicos
		Salários biblioteca
		Material consumo
		Serviços gerais
		Bolsas de estudo e monitoria
05	Despesas em investimentos	
		Construção ou readaptação
		Aquisição móveis e utensílios
		Aquisição equipamento laboratório
	Aquisição livros e periódicos	
06	Espaço reservado para observações	

11 - DADOS SOBRE CADA CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Importante - A instituição deverá preencher para cada área autorizada ou credenciada uma folha deste modelo

01	Curso	02	Área	03	Nível	04	Credenciamento
----	-------	----	------	----	-------	----	----------------

05	Alunos matriculados em 1975	06	Alunos que defenderam dissertação ou tese em 1975
----	-----------------------------	----	---

07	Alunos realizando trabalhos de tese	08	Nome do coordenador
----	-------------------------------------	----	---------------------

09	10	Disciplinas	11	Professores	12	Cat. docentes
----	----	-------------	----	-------------	----	---------------

--	--	--	--	--	--

RELACÃO DE CURSOS DE
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
EM FUNCIONAMENTO - ANO 1979

13	Verbas específicas para pós-graduação			
	Próprias	CAPES	BNDE	Outras (especificar)

14	Espaço reservado para observações do visitador

ANEXO Nº 3

RELAÇÃO DE CURSOS DE
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
EM FUNCIONAMENTO - ANO 1979

CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM/OBSTETRICIA

ENTIDADE	MANTENEDORA	LOCAL/REGIÃO	ANO DE INÍCIO DE FUNÇÃO	DGE	Nº DE VAGAS	CURSOS	HABILITAÇÕES	ENDEREÇO
FEDERAIS								
1. Esc. Enfermagem Alfredo Pinto	FEFIERJ	RIO JANEIRO/RJ SUDESTE	1890	20	100	Graduação em Enf. e Obst.	1. Enf. Saúde Pública 2. Enf. Médico-Cirúrgica 3. Enf. Obstétrica 4. Licenciatura	Rua Dr. Xavier Sigaud s/n - Botafogo/RJ Fone: 021 - 231-3423
2. Esc. de Enfermagem Ana Néri	UFRJ	Rio de Janeiro/RJ Sudeste	1923	20	80	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Enf. Obstétrica 2. Enf. Med. - Cirúrgica 3. Enf. Saúde Pública 4. Licenciatura	Centro Clínicas da Saúde Bl. K, sala 040 - Cidade Universitária - RJ Fone: 021 - 280-8443
3. Escola de Enfermagem	UFMG	Belo Horizonte MG/Sudeste	1933	17	30	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Licenciatura	Av. Alfredo Balena, CP 1556 - Fone: 031-224-3012
4. Escola Paulista Enf.	SPDM	São Paulo/SP/ Sudeste	1939	24	80	Grad. Em Enf. e Obstetrícia	1. Enf. Obstétrica 2. Enf. Saúde Pública 3. Enf. Med. Cirúrgica	Rua Napoleão de Barros, 754, SP Fone: 011 - 71-7467
05. Escola de Enfermagem	UFBA	Salvador/BA/ Nordeste	1947	12	60	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Enf. Saúde Pública 2. Enf. Obstétrica 3. Enf. Med. Cirúrgica	Campus Universitário - Canela Fone: 071 -
06. Escola de Enfermagem	FESP/MS	Manaus/AM/Nor- te	1949	02	45	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Enf. Saúde Pública	Rua Terézinha, 495 - Adria- mópolis Fone: 092 - 232-1980
07. Departamento de Enfer- magem	UFPE	Recife/Pe/Nor- deste	1950	09	80	Grad. em Enf.	1. Enf. Obstétrica 2. Enf. Med. Cirúrgica 3. Enf. Saúde Pública 4. Licenciatura	Av. Prof. Moraes do Rego Cidade Universitária

CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM/OBSTETRÍCIA

	UF/RGS	Porto Alegre/RS Sul	1951	36	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Licenciatura	Av. Profrasio Alves, 297 Fone - 0512 - 31.3865 Hospital das Clínicas Cidade Universitária. Rua Miguel de Frias, 9 Ipiranga
08. Escola de Enfermagem	UFRRS		1951	36	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Licenciatura	Av. Profrasio Alves, 297 Fone - 0512 - 31.3865 Hospital das Clínicas Cidade Universitária. Rua Miguel de Frias, 9 Ipiranga
09. Departamento de Enfermagem	UFFPb	João Pessoa/Pb Nordeste	1958	08	80	Grad. em Enf.	—	Hospital das Clínicas Cidade Universitária. Rua Miguel de Frias, 9 Ipiranga
10. Escola de Enfermagem	UFF	Niterói/RJ/	1960	20	60	Grad. em Enf. e obstetrícia	1. Enf. Med. Cirúrgica 2. Enf. Saúde Pública 3. Enf. Obstétrica 4. Licenciatura	Hospital das Clínicas Cidade Universitária. Rua Miguel de Frias, 9 Ipiranga
11. Curso de Graduação em Enfermagem	UFSC	Florianópolis/SC Sul	1969	34	60	Grad. em Enf. e Obstetrícia	—	Campus Universitário Modulo "C" Fone: 33.1000 r. 219 Rua Rio Branco, 308 Remédios, Fone: Av. Nilo Pezanha, 619 Fone: 222-2113
12. Faculdade de Enfermagem	FUM	São Luís/MA/Nor- deste	1948	04	25	Grad. em Enf. e Obstetrícia	—	Remédios, Fone: Av. Nilo Pezanha, 619 Fone: 222-2113
13. Departamento de Enferma- gen	UFRN	Natal/RN/Nordeste	1974	07	30	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Licenciatura	Campus Universitário Ipiranga Fone: Praça Visconde de Sinlimbo, 206 - Centro Fone: 082 - 234-2822
14. Departamento de Enferma- gen.	FUFFP	Terezina/PI/Nor- deste	1974	05	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	—	Campus Universitário Ipiranga Fone: Praça Visconde de Sinlimbo, 206 - Centro Fone: 082 - 234-2822
15. Departamento de Enferma- gen	UFAL	Maceió/AL/Nor- deste	1974	10	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	—	Campus Universitário Ipiranga Fone: Praça Visconde de Sinlimbo, 206 - Centro Fone: 082 - 234-2822
16. Departamento de Enferma- gen	FUB UnB	Branília/DF/Cen- tro-Oeste	1975	41	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	—	Campus Universitário - Asa Norte - Fone: 272-0000 - 061 Rua 15 de Novembro, 1299 Fone: 0412 - 24-1822
17. Departamento de Enferma- gen	UFPr	Curitiba/Pr/Sul	1975	32	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	—	Rua 15 de Novembro, 1299 Fone: 0412 - 24-1822
18. Departamento de Enferma- gen	UFES	Vitória/ES/Su- deste	1976	19	80	Grad. em Enf. e Obstetrícia	—	Rua Pierrângelo de Biase, s/n 3º andar - Centro Fone: 027-253-8444

CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM/OBSTETRÍCIA

19. Departamento de Enfermagem gen.	**	UFCE	Fortaleza/CE/Nordeste	1976	06	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Av. da Universidade, 2056 Benfica. Fone 085-223-0233
20. Departamento de Enfermagem gen.	**	FUFAC	Rio Branco/AC/Norte	1976	01	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Av. Getúlio Vargas, 654 Fone: 2797
21. Departamento de Enfermagem gen.	**	UFMT	Cuiabá/MT/Centro-Oeste	1976	39	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Av. Fernando Correa da Costa, s/n - Fone: 065-4010
22. Departamento de Enfermagem gen.	**	UFGO	Goiânia/GO/Centro-Oeste	1976	40	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	5.a Avenida - Praça Universidade, s/n 062 -
23. Departamento de Enfermagem gen.	**	FUFFe 1	Pelotas/RS/Sul	1976	36	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Campus Universitário, 180 Fone: 0532 - 22288
24. Departamento de Enfermagem gen.	**	UFFPa	Belém/PA/Norte	1976	03	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Av. Governador José Malcher - 1192 - Nazaré Fone: 091 - 223-2122
25. Departamento de Enfermagem gen.	**	UFSCar.	São Carlos/SP/Sudeste	1976	29	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Via Washington Luiz, Km 255. Fone: 4951
26. Departamento de Enfermagem gen.	**	UFSe	Araçaju/SE/Nordeste	1976	11	40	Grad. e Enf. e Obstetrícia	-	Av. Desembargador Maynard, 174.
27. Departamento de Enfermagem gen.	**	FURG	Rio Grande/RS/Sul	1976	36	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Rua Cavalheiro Luiz Lorea, 261, Centro Fone: 21-501
28. Departamento de Enfermagem gen.	**	UFMS	Santa Maria/RS/Sul	1976	37	30	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Campus Universitário - Faixa Cumbi, Km. 9, 1184 Fone: 0552 - 21-16-16
29. Departamento de Enfermagem gen. **	**	MEC	Alfenas/MG/	1977	15	20	Grad. em Enf.	-	Praça Emílio Silveira, 45 Centro - Alfenas - MG.

CURSOS I GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM/OBSTETRICIA

ENTIDADE	MANTENEDORA	LOCAL/REGIÃO	ANO DE INÍCIO DE FUNÇ.:	DGE	Nº DE VAGAS	CURSOS	HABILITAÇÕES	ENDEREÇO
01. Escola de Enfermagem S. Vicente de Paulo	FUNEDUCE	Fortaleza/Ce/Nordeste	1943	04	80	Graduação em Enf. e Obst.	1. Enf. Saúde Pública 2. Enf. Obstétrica 3. Licenciatura	Av. do Imperador, 1367 Fone: 31.2010
02. Escola de Enfermagem Magalhães Barata	FEEP	Belém /Pa/Norte	1945	03	100	Grad. em Enf. e Obstetricia	1. Enf. Saude Publica 2. Enf. Med. Cirurgica 3. Enf. Obstetrica.	Av. José Bonifácio, 1289 Fone: 26.0236
03. Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Das Graças	FENSG	Recife/Pe/Nordeste	1945	09	50	Grad. em Enf. e Obstetricia	-	Rua Henrique Dias, 208 CP. 1742 - Fone: 22-1933
04. Escola de Enfermagem	UERJ	Rio de Janeiro/RJ Sudeste	1947	23	40	Grad. em Enf. e Obstetricia	-	Av. 28 de Setembro, 111 28º andar - Vila Isabel
05. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto	USP	Ribeirão Preto/SP/Sudeste	1953	29	80	Grad. em Enf. e Obstetricia	1. Enf. Med. - Cirurgica 2. Enf. Saude Publica 3. Enf. Obstetrica	Campus Universitário Fone: 34-1190
06. Escola de Enfermagem de São Paulo	USP	São Paulo/SP/ Sudeste (Morumbi)	1943	24	80	Grad. em Enf. e Obstetricia	1. Enf. Med. Cirurgica 2. Enf. Saude Publica 3. Enf. Obstetrica	Av. Dr. Enéas de Carvalho e Aguiar, 419 - Fone 211-0011
07. Departamento de Enfermagem	FUEL	Londrina/Pr/Sul	1972	33	40	Grad. em Enf. e Obstetricia	-	Rua Pernambuco, 520 Fone: 25-6080
08. Escola de Enfermagem Herminina Beraldo.	FHB	Juiz de Fora/MG/ Sudeste	1947	14	50	Grad. em Enf. e Obstetricia	-	Av. dos Andradas, 1367 Fone: 31.2010
09. Departamento de Enfermagem	FUFS BA/ Nordeste	Feira de Santana	1976	12	40	Grad. em Enf. e Obstetricia	-	Rua Conselheiro Franco, 66 Centro. Fone: 0752-20023
10. Escola de Enfermagem	UNICAMP	CAMPINAS/SP/ SUDESTE	1975	30	40	Graduação em Enfermagem e Obstetricia	-	Cidade Universitária - Barão Geraldo - 13.100 - CAMPINAS/SP

CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM/OBSTETRICIA

ENTIDADE	MANTENEDORA	LOCAL/REGIÃO	INÍCIO DE FUNCION.	DGE	Nº DE VAGAS	CURSOS	HABILITAÇÕES	ENDEREÇO
PARTICULARES 01. Pontifícia Univ. Cat. do Rio de Janeiro	PUC/RJ	Rio Janeiro/RJ Sudeste	1938 (interrompida)	23	60	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Rua Dr. Sant'Amari, 245 Tijuca, RJ Fone:
			1977 (aberta)					
02. Departamento de Enf. da U.C.G.	Soc. Goiana de Cultura	Goiania/GO/Cen- tro-Oeste	1941	40	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Enf. Med. Cirúrgica 2. Enf. Saúde Pública 3. Enf. Obstétrica	1.ª Avenida, 240 setor leste Universitário Fone: 062-225-1188
03. Faculdade de Enfermagem da UCMG	SMG	Belo Horizonte/ MG/Sudeste	1945	17	50	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Av. Dom José Gaspar, 500 Fone: 224-7390
04. Centro de Ciências Bio- lógicas e Médicas	PUC/SP	Sorocaba/SP/SUL- DESTE	1951	24	30	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Enf. Med. Cirúrgica 2. Enf. Obstétrica 3. Enf. Saúde Pública	Av. Ermínio de Moraes, 290.
05. Universidade Católica do Paraná	SPC	Curitiba/Pr/Sul	1954	32	60	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Licenciatura 2. Enf. Obstétrica	Av. Imaculada Conceição, 1155 - Fone: 24-9550
06. Escola de Enfermagem Wenceslau Braz	Soc. Religiosa Moral e Cient. SCISFA-ZN	Itajubá/MG/Su- deste	1955	15	50	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Av. Cesário Alvim, 472 Fone: 622-0930
07. Faculdade de Enfermagem N. Senhora Medianeira	SCISFA-ZN	Santa Maria/RS/ Sul	1955	37	35	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Av. Presidente Vargas, 2377 - Fone: 21-4766
08. Centro de Ciências Biomédicas da Univ. Vale dos Sinos	SAV	São Leopoldo/RS Sul	1955	37	50	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Praça Trindades, 35 Fone: 92-1949

CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM/OBSTETRICIA

09. Departamento de Enfermagem	FUCS	Caxias do Sul/RS Sul	1957	35	50	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Campus Z - Rua Francisco Getúlio Vargas, s/n Fone: 21-3809 Rua Matinico Prado, 85 Fone: 20727 Praça Caltas Brandão, 4/n Fone: 224-7200
10. Faculdade de Enfermagem Sto. José	SIDEB	Ijuí/SP/Sudeste	1959	24	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	
11. Escola de Enfermagem S. Emília de Rodat	Santa Casa de Misericórdia	Jolito Pessoa/Pb/Nordeste	1959	08	40	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Enf. Saúde Pvb. 2. Enf. Med. Cirúrgica 3. Enf. Obstetrícia 4. Licenciatura	
12. Faculdade Adventista de Enfermagem	FAE	Santo Amaro/SP/Sudeste	1969	24	60	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Estrada de Itaipicirica da Serra, Km 23 Fone: 287 4011
13. Faculdade de Enfermagem	AUCS	Salvador/BA/Nordeste	1968	12	50	Grad. em Enf. e Obstetrícia	1. Enf. Obstetrícia 2. Enf. Saúde Pública	Av. Joana Angélica, 39 Convento da Lapa. Fone: 3-9621
15. Departamento de Enfermagem	UNIFOR	Fortaleza/CE/Nordeste	1973	06	60	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Av. Washington Soares, s/n - Água Fria, Fone: 085 - 224-3160
16. Escola de Enfermagem de Mogi das Cruzes.	UMC	Mogi das Cruzes/SP/Sudeste	1973	30	100	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Rua Senador Dantas, 326 Bloco CCD - Centro
17. Escola de Enfermagem Gama Filho	UGF	Rio de Janeiro/RJ/Sudeste	1977	20	60	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Rua Manoel Vitorino, 625 Piedade - Fone: 279-0015
18. Escola de Enfermagem	FFCISC Jesus	Bauri/SP/Sudeste	1977	26	100	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Rua Irmã Aminda, 1050 Jardim Planalto Fone: 0142 - 25663
19. Escola de Enfermagem	FUPF	Passo Fundo/RS/Sul	1977	38	-	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Av. Brasil, 743 - 1º andar Centro - Fone: 22-3345
20. Escola de Enfermagem	FESSC	TUBARÃO/SC/SUL	1976	34	40	Graduação em Enfermagem e Obstetrícia	-	Av. José Acácio Moreira, Nº 787 - Bairro Dehon - 88-700 TUBARÃO - SC
21. Escola de Enfermagem	CIEC	CONCÓRDIA/SC/SUL	1977	34	40	Graduação em Enfermagem e Obstetrícia	-	Fundação Educacional Alto Uruguai - Concórdia - SC. Fone: 440-850

CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM/OBSTETRICIA

ENTIDADE	MANTENEDORA	LOCAL/REGIÃO	INÍCIO DE FUNCION.	DGE	Nº DE VAGAS	CURSOS	HABILITAÇÕES	ENDEREÇO
MUNICÍPIOS								
01. Curso Superior de Enfermagem *	FURN	Mosoró/RN/Nordeste.	1972	08	50	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Rua Dionísio Filgueira, 366 Fone: 8715
02. Departamento de Enfermagem *	FURNE	Campina Grande/Ph/Nordeste	1974	08	50	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Campus Universitário - Bodocongó
03. Escola de Enfermagem	F. Vale do Acaraú	Sobral/Ce/Nordeste	1976	06	60	Grad. em Enf. e Obstetrícia	-	Av. da Universidade, s/n

LEGENDA

* Cursos de Graduação Enfermagem e Obstetrícia que responderam o questionário. Ano Base 1975.

** Cursos de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia funcionando a partir de 1975.



IMPrensa DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)